

Anno  
1641.

vozes altas; que a força dos esquadroens tanto consistia no valor como na disciplina; que de taõ destra maõ necessitava a espada na guerra, como o potro no manejo; porque aquella, e este se precipitavaõ, se a arte naõ domina a colera: e que elle lhe promettia muito brevemente a satisfação daquelle aggravo. Foy esta promessa rémora da temeridade dos soldados, e moradores de Elvas, suffocando a paixãõ a que os obrigava a morte dos soldados, e verem que os Castelhanos rebanhavaõ algum gado que andava pela Campanha. Mathias de Albuquerque pondo em ordem a pouca gente de que conitava aquella guarniçaõ, e mandando descobrir os Olivaes que a larga distancia rodeaõ Elvas, sahio á Campanha, naõ podendo deter a Infantaria, que pudera arrepender-se da desobediencia, se os Castelhanos se naõ houveraõ retirado: o mesmo fez Mathias de Albuquerque, ouvindo, e desprezando a inconsiderada murmuraçaõ dos moradores de Elvas, que condénavaõ por falta de valor a sua prudencia. No dia seguinte tornaraõ os Castelhanos a passar Guadiana com 400 Cavallos, e mil Infantes, e sem outro effeito, que formalos á vista da Ronda se retiráraõ: Na mesma tarde havendo chegado a Mathias de Albuquerque algumas levas de Infantaria, sahio de Elvas com 700 Infantes, e 30 Cavallos; passou a noute emboscado em hum valle de huma vargea junto do Monte da Terriinha. Sahido o Sol, e apparecendo a Cavallaria Castelhana no lugar de Tellenã situado da outra parte de Guadiana, marchou Gaspar de Siqueira a provocar as Tropas inimigas, a que o carregassem. Entendendo os Castelhanos que era emboscada, naõ quizerãõ passar o rio mais que alguns Cavallos, que sustentáraõ huma leve escaramuça. Impacientes da dilacõõ os da emboscada, sahirãõ formados á Campanha, de que resultou retirarem-se os Castelhanos, e ficar a nossa gente taõ ufana, e paga do procedimento de Mathias de Albuquerque, como se houveraõ conseguido huma grande victoria. Tal era o desconcerto dos animos naquelle principio da guerra, que se offendiãõ da prudencia, e se pagavaõ da temeridade. E he certo que se Mathias de Albuquerque naõ reconhe-

*Segunda mostra  
dos Castelhanos.*

*Retiraõ-se deixando os Portuguezes.*

cera

Anno  
1641.

cera igual insufficiencia nos Castelhanos, que levando só trinta Cavallos, e tendo visto no dia antecedente ao inimigo 400, e mil Infantes, que não expozera a Infantaria em huma campanha raza a risco tão manifesto: porém nestes principios como os Castelhanos não empenharaõ na guerra de Portugal as Tropas veteranas, e só pelejavaõ com a gente levantada de novo, contendia-se de ignorancia a ignorancia. E assim por leves, e mal dispostos escrevo pouco animado estes primeiros successos, temendo, que molestem a quem ler esta historia: porém quem escreve he só obrigado a contar na verdade tudo o que aconteceu no tempo de que trata, sem fazer reparo em outras vaidades, que costumaõ destruir o credito dos Historiadores; e o assumpto que tomo he tão vasto, que não faltaráõ ao Leitor muitos empregos da sua curiosidade. Retirou-se a Elvas Mathias de Albuquerque trazendo consigo o corpo de Roque Antunes, que achou na campanha, ao qual com grande pompa fez dar na Sé de Elvas honrada sepultura: porque na politica de remunerar grandes açoens com coroas de louro, para inflammam os animos dos Soldados a maiores emprezas, foy Mathias de Albuquerque insigne imitador dos Capitaens Romanos. O Marquez de Toral, querendo com a dissimulaçõ conseguir maior utilidade, mandou os sete prisioneiros com hum volantim, em que dizia, que romper-se a guerra fora desordem do Cabo da Ronda; e na confissãõ de mal obedecido padeceo logo o castigo do falso trato, porque querendo justificar este protesto com outra apparente falsidade, mandou publicar que todos os Paizanos Portuguezes, que quizessem recolher as suas searas, o podiaõ executar sem perigo algum. Não se enganou na traça de enganallos, por quanto persuadidos facilmente do interesse, não dando credito ás repetidas advertencias de Mathias de Albuquerque, passaraõ muitos contra os seus preceitos a recolher as sementeiras, que tinhaõ em Castella, e não só succedeo isto aos de Elvas, mas fizeraõ o mesmo todos os das Praças da Raia. Acabado o trabalho de segar o trigo, experimetáraõ o castigo da sua ambiçãõ: porque os Castelhanos o recolheraõ, e os despediraõ

Motivõs de se  
escreverem es-  
tes successos.

Retira-se Ma-  
thias de Albu-  
querque, e mã-  
da fazer exe-  
quias a Roque  
Antunes.

Primeiro vola-  
tim dos Caste-  
lhanos com os  
prisioneiros.

Trato falso dos  
Castelhanos.

Anno  
1641.

Escaramuça  
das Tropas.

pediraõ com muito máo trato. Esteve a guerra alguns dias suspenſa; e ſe os Soldados de huma, e outra parte faziaõ alguma preza, ſe tornava a reſtituir: durou pouco eſta correſpondencia, e de novo experimentáraõ os lavradores maiores hoſtilidades. Em ſatisfaçaõ deſta offenſa ſe mandou armar ás Tropas de Ronda, que coſtumavaõ ſahir duas de Badajoz com 40 Cavallos, e 200 Infantes: hia por Cabo o Capitaõ Joaõ Tavares; naõ confeguiu mais que atacarſe huma leve eſcaramuça, de que veyo ferido Diogo de Meſquita.

Torna o Conde  
do Vimiojo a  
Alentejo.

Neſte tempo voltou de Lisboa o Conde do Vimiojo a continuar o governo daquella Provincia, prevalecendo por aquella vez a ſua innocencia contra as calumnias de ſeos inimigos. Deteve ſe o Conde em Eſtremoz a dar ordem ás levas de Infantaria, e Cavallaria, que por falta de cabedaes caminhavaõ lentamente. Francisco de Mello, Governador de Olivença, ſabendo que o Conde era chegado a Eſtremoz, paſſou áquella Villa a communicar-lhe alguns negocios importantes. Tiveraõ os Caſtelhanos noticia deſta jornada, mandou o Marquez de Toral 400 Cavallos com ordem, que aguardaſſem os dous dias ſeguintes, nos quaes entendiaõ que poderia voltar. Emboscaraõ ſe entre Olivença, e Gerumenha; lançaõ ao amanhecer huma partida a bater as eſtradas, foy viſta de Olivença. O Sargento mór Luiz Pinto de Matos, que governava a Praça, enganado de pouca experiencia mandou ſahir dous Capitaens de Infantaria com 80 Moſqueteiros, dando-lhes ordem, que ſeguifſem a partida: ſahiraõ elles, e os da partida, por lhes dar maior confiança, ſe foraõ retirando. Creceo aos Capitaes o calor com eſte engano, e accrecentou-lhes o empenho o que pudera ſervir-lhes de avizo: porque detendo ſe, era certa a emboscada, e retirando ſe, impoſſivel alcançaõlos Tanto que os da partida os viraõ diſtantes da Praça, voltaraõ a carregallos, e ao meſmo tempo ſahiraõ os da emboscada, que estavaõ nas coſtas do ſitio de Caſtello Velho, pouco diſtante de Olivença: avançaraõ todos aos Infantes, os quaes vendo ſe perdidos, voltaõ alguns a coſtas, outros querendo ſe valer do reparo de hũa tapada,

Rota de duas  
Companhias de  
Olivença.

antes de o conseguirem foraõ degollados. Foy a perda menor no effeito, que no estrondo: porẽm como era a primeira, teve desculpa o sentimento, que houve em toda a Provincia. Mathias de Albuquerque, naõ querendo dar lugar a que o receio se apoderasse dos animos dos moradores de Olivença, de que podiaõ seguirle effeitos muito prejudiciaes, tanto que lhe chegou a noticia deste successo, marchou caminho de Olivença com 400 Infantes, e 40 Cavallos: chegou a Guadiana taõ perto da noite, que alojou junto do rio, onde aguardou o dia com as armas na maõ, constando-lhe, que as Tropas dos Castelhanos estavaõ da outra parte do rio. Sahio o Sol, e passada a ponte, marchou formado, e chegou sem opposiçaõ a Olivença, naõ querendo os Castelhanos embaraçar lhe a jornada; o que, a serem mais destros, com 400 Cavallos puderaõ fazer facilmente. Foy esta resoluçaõ de grande effeito; porque os moradores de Olivença estavaõ muito confusos com o successo passado, e os Castelhanos determinavaõ valer-se do seu sobresalto, interprendendo a Praça a noite seguinte. Desvanecco-se o intento, vendo marchar Mathias de Albuquerque com o soccorro. Deteve-se elle dous dias em Olivença, e deixando na Praça 150 Infantes, com os 250, e 40 Cavallos se poz em marcha. Aguardava-o o inimigo com mil Infantes, e 400 Cavallos: reconheceo, que a nossa gente marchava formada, e taõ devagar, que mostrava pouco receio; o que bastou para se naõ resolverem os Castelhanos a pelejar, deixando chegar a Mathias de Albuquerque á ponte de Olivença, donde ficou livre do perigo, que o ameaçava. Este, e outros similhantes erros dos Castelhanos exercitados muitas vezes no principio da guerra em utilidade nossa, conglutinaraõ de sorte os materiaes deste edificio da conservação de Portugal, que quando se resolvèraõ a querer arruinallo, experimentáraõ a sua defenõa impenetravel a todos os golpes; e fazendo-nos o exercicio da guerra, sem prejuizo nosso, maiores Soldados, passamos gloriosamente dentro de poucos annos dos perigos de conquistados á contingencia de conquistadores. Voltáraõ os Castelhanos a Olivença a buscar na pouca experien-

Anno  
1641.

*Marcha Mathias de Albuquerque ao soccorro.*

*Naõ se atrevõ os Castelhanos a investillo, na retirada.*

Anno  
1641.

*Scaramuça  
em Olivença,*

cia daquella guarnição segunda desordem : deraõ as senti-  
nellas avizo ao Governador da Praça, mandou elle logo  
sahir o Capitão D. Manoel de Sousa com 100 Infantes,  
e Paulo Vieira Rijo com 15 Cavallos, sem mais causa  
que entender que era preciso o não mostrar receio : como  
se fora ley da guerra sahirem de huma Praça voluntaria-  
mente a pelejar contra muita Cavallaria poucos Infantes.  
Valeo-se Dom Manoel do reparo de alguns vallados, des-  
viáraõ-se os Castelhanos dos mosquetes, e marcháraõ pa-  
ra a Praça. Entrou em parte dos Infantes o receio, e vol-  
táraõ as costas : porém com os que ficáraõ sustentou D.  
Manoel sem perturbação o posto, ajudado dos poucos  
Cavallos de Paulo Vieira : retiráraõ-se os Castelhanos  
sem damno de ambas as partes.

De todos estes accidentes se dava conta ao Con-  
de do Vimioso, que não havia passado de Estremoz, por  
lhe haver chegado noticia de Lisboa de que prevaleciaõ  
em sua ausencia as cavilaçoens de seus inimigos ; e como  
dellas podia originar-se o aggravo de ElRey lhe tirar o  
posto, queria esperallo em lugar mais apartado dos Cas-  
telhanos, por lhes dilatar mais tempo o gosto de saberem,  
que lhe não remunerava tantas finezas executadas por  
seu serviço. E accrecentava-se a este outro maior sen-  
timento, que era recear que os mais Vassallos d'ElRey,  
vendo a offensa que lhe dava por satisfação, se escramen-  
tassem no seu aggravo, e faltassem com o zelo que ella  
desejava influir em todos á defensta da sua Patria. Veio  
de Elvas buscallo Mathias de Albuquerque a conferir com  
elle negocios importantes do governo da Provincia : com-  
municou-lhe o Conde, que Antonio Mexia Capitão da  
Ordenança de Campo Maior, que sustentava com per-  
missaõ sua correspondencia com os Castelhanos, se havia  
deixado cavilozamente persuadir das instancias do Mar-  
quez de Toral, e lhe havia promettido introduzir o Con-  
de de Monte-Rey em Campo Maior por hum quintal das  
casas em que vivia, e que por este trato dobre podiaõ lo-  
grar as nossas Armas hum bom successo. Foy Mathias  
de Albuquerque de contraria opiniaõ, dizendo que era  
taõ inferior o nosso poder ao dos Castelhanos, a Praça  
de

*Conferencia do  
Conde do Vimio-  
so com Mathias  
de Albuquerque*

Anno  
1641.

de Campo-Maior tão mal fortificada, e elles tão acautelados, que avaliava o risco por infallivel, ainda na supposição de que se devia dar inteiro credito a Antonio Mexia: porque o trato deste genero de homens era tão desigual, e tão perigoso, que costumão enganar a ambas as partes. E por esta consideração pedindo á Rainha Isabel de Inglaterra premio hum Vassallo seu de hum grande serviço que lhe havia feito desta qualidade, ella lhe fizera mercê, e o lançára fóra do Reino, dizendo que se tornaria a valer do seu prestimo quando necessitasse de hum traidor. Ajustou-se o Conde com esta opiniaõ de Mathias de Albuquerque, e esforçaraõ por maior cautela o presidio de Campo Maior: de que se originou mudar de intento o Conde de Monte-Rey, que, conforme depois constou, para este fim havia chegado a Badajoz com 4000 Infantes, e 500 Cavallos; e vendo desvanecida a interpresa de Campo-Maior, se resolveo a atacar Olivença, persuadido de Sebastiaõ Correa natural da mesma Villa, que se havia passado a Castella, sendo o primeiro Soldado que cegamente introduzio este desacerto, que muito poucos imitáraõ em todo o discurso da guerra; e naquelles a que succedeo mostrava Deos que se offendia da traição que executavaõ, porque ou acabavaõ a vida nas primeiras occasioens em que se achavaõ, ou ficavaõ nellas prisioneiros, e vinhaõ a pagar na forca o seu delicto.

*Reforça-se Cãpo-Maior: desvanecese a interpresa.*

Resoluto o Conde de Monte-Rey a atacar Olivença esperando conseguir, escalando-a, ganhalla a pouco custo, na supposição de achar os baluartes sem defensa, e a Guarnição sem disciplina; juntou em Badajoz 8000 Infantes, 2000 Cavallos com todas as prevenções necessarias: tirou das Tropas primeiro 400 Cavallos, os quaes mandou correr a Campanha de Elvas, com ordem de atacarem qualquer socorro que passasse para Olivença; e de impedirem que as sentinellas da Ronda occupassem os postos, donde descobrissem a marcha que determinava fazer. Marcharaõ os 400 Cavallos, e depois de executarem a ordem que traziaõ de encobrir a marcha, rebanháraõ o gado que acháraõ na Campanha,

*Disposições dos Castelhanos para atacar Olivença.*

Anno

1641.

*Poem fogo ás sementeiras.**Sabe D. João da Costa Governador de Elvas.**Plantaõ artilharia.*

e puzeraõ fogo ás sementeiras, que estavaõ maduras; naõ valendo com o Conde de Monte Rey oppor-se a esta ordem, que havia dado, o Cabido de Badajoz, obrigado ou do zelo Catholico, que naõ dispensa esta fórma de guerra, ou do temor de padecerem igual destruiçaõ os fructos, que produziaõ as suas Campanhas. Dom João da Costa era Governador de Elvas, dando-lhe El Rey esta occupaçaõ por haver D. João de Ataide aceitado o posto de Commissario Geral da Cavallaria; vendo D. João da Costa rebanhar o gado; e arder as searas, mandou sair Infantaria até as ultimas tapadas dos Olivaes, para a parte do Guadiana; occuparaõ-as antes que os Castelhanos entrassem nelles, deraõ algũas cargas, que empregaraõ, desviaraõ-se dellas, e continuaraõ o incendio até a tarde, que se retiraraõ a incorporar no Exercito, que ja havia marchado com mil Cavallos de vanguarda, a que se seguiaõ duas linhas de Infantaria, a esta as bagagens, com hum Terço de guarda, fazendo a retaguarda 500 Cavallos, a que se uniraõ os 400, que foraõ a Elvas. Avistou o Exercito Olivença, onde ja o esperava Francisco de Mello Governador daquella Praça, informado de cinco Irlandezes, que se haviaõ passado a ella: logo que lhe chegou esta noticia, repartio os Soldados, e Paizanos pelos lugares mais convenientes, e havendo chegado D. Rodrigo de Castro com a sua Companhia de Cavallos de Comboy a algũas munições, a desmontou, e se unio a D. Manoel de Souza no Baluarte de S. Pedro, como se naõ fora mais util acodir montado aonde fosse maior o perigo, sendo capazes as ruas de Olivença de se manejar nelas hum grande trossõ de Cavallaria. Com duas horas de Sol chegou todo o Exercito sobre Olivença: alojou entre os Olivaes, que naquelle tempo a rodeavaõ, no sitio das Perrarias vizinho da Praça pela parte onde a defenfa era menor, por ter ainda hum lanço de trincheira por acabar. Plantaraõ os Castelhanos logo duas peças de artilharia, as quaes fizeraõ jogar com pouco damno dos defensores: estavaõ elles dispostos á defenfa, esperando que o valor supprisse a falta da sciencia militar; de que Francisco de Mello por estudo tinha muita noticia: fez jogar

jogar contra o Exercito a pouca artilharia, que havia na Praça, porém o damno foy taõ consideravel, que depressa se arrependeraõ os Castelhanos do intento; resolveraõ-se elles a atacar hum posto exterior, sahiraõ algũas mangas de Mosqueteiros da Praça, que por tres vezes os rechaçaraõ. Vendo o Conde de Monte Rey maior opposiçaõ da que suppunha, persuadido das faltas promessas de Sebastiaõ Correa, se resolveo a retirar-se, custando-lhe o intento duzentos homens mortos, e feridos, em que entravaõ Officiaes de importancia.

Teve o Conde do Vimioso avizo do bom successo de Olivença, e para que o naõ celebrasse com o gosto, que pedia a primeira victoria, lhe chegou ordem d'El Rey para que deixando o Exercito entregue a Mathias de Albuquerque, passasse á Corte, por importar assim a seu serviço. Entendeo-se que Mathias de Albuquerque fora hum dos que fulminára a ruina do Conde, condemnando o seu descuido, dizendo, que eraõ necessarios melhores fundamentos para huma guerra, na qual a bizonharia dos Soldados se havia de supprir com a prudencia, e destreza do General: discurso que, se foy certo, depressa experimentou Mathias de Albuquerque maior revez, que este golpe; porque partido o Conde do Vimioso, passados poucos dias do seu governo, sem haver nelles acçaõ militar digna de memoria, o prenderaõ pelas causas que adiante referiremos, e nomeou El Rey por Governador das Armas a Martim Affonso de Mello. Assistia em Cascaes, governo que lhe entregáraõ logo que El Rey se acclamou: haviaõ lhe oferecido o Brasil que naõ quiz aceitar, habilitou-o para esta occupaçaõ a assistencia de alguns annos da India. Era dotado de valor, e limpeza de mãos, onde a chiromancia do Povo costuma descobrir, e ajuizar os affectos do animo, discurso acreditado em Martim Affonso, que mereceo por esta virtude grande applauso, e grandes lugares: pretendeo patente de Capitãõ General do Reino, como a que havia tido o Conde do Vimioso: respondeo-se-lhe que, passando El Rey o Conde a outro emprego, se attenderia ao seu requerimento: e naõ tendo o Conde do Vimioso em sua vida

Anno  
1641.

*Retiraõ-se com  
perda.*

*Tem o Conde  
ordem d'El Rey  
para voltar à  
Corte, e Gover-  
na Mathias de  
Albuquerque.*

*Succede-lhe  
Martim Affonso  
de Mello.*



Anno  
1641.

outra occupação, se não deo patente de Capitaõ General a outro Vassallo; reservando'le a authoridade, e preeminencia deste grande titulo para o Principe D. Theodosio. Com esta promessa, e patente de Governador das Armas passou a Alemtejo Martim Affonso de Mello, e encontrou em Arrayolos hum correio que D. Joaõ da Costa havia despachado a ElRey, dando'lhe conta de hum felice successo conleguido nos breves dias que governou aquella Provincia, depois de partido della Mathias de Albuquerque.

Foy o caso, que andando D. Joaõ em Elvas dando ordem a adiantar as Fortificaçoens, util exercicio a que foy sempre summamente applicado, lhe chegou avizo de Santa Olaia, Aldea duas leguas de Elvas no caminho de Arronches, que os Castelhanos haviaõ feito huma grossa preza, e que marchavaõ com ella na volta de Guadiana, caminhando pouco distantes de Elvas, a qual deixavaõ á mão direita. Eraõ estas Tropas 400 Cavallos, que o Conde de Monte-Rey havia mandado a esta facção, depois de se retirar de Olivença: executáraõ'a sem controversia, e não perdoando á extorção alguma passáraõ os Castelhanos de cruéis a sacrilegos, profanando os Altares, e despindo as imagens das Ermidas do Campo. D. Joaõ da Costa tanto que recebeu o avizo, fez sahir da Praça seis Companhias de Infantaria com 300 Soldados, de que era Cabo o Sargento mór Antonio Gallo, e noventa Cavallos divididos em duas Companhias que governava Gaspar de Siqueira. Era a ordem que levavaõ, que marchassem até o fim dos Oliveas para a parte das Meimoas, valendo'le das tapadas, e sitios accõmodados para a Infantaria offender a Cavallaria sem poder ser contrastada; e que observando a disposição dos Castelhanos, uzassem dos meios que lhes offeresse a fortuna: que as duas Tropas se não desunissem da Infantaria guarnecidas de duas mangas de Mosqueteiros. As ordens bem distribuidas saõ a segurança das empresas: assim influio esta nos animos dos Soldados firme confiança do bom successo. Chegáraõ ao monte do Perdigaõ, deraõ vista dos Castelhanos, e resolve-raõ'le a pelejar. Formaraõ'le sem alterar a ordem que levavaõ,

Excessos das  
Castelhanos.

Faz sahir Dom  
Joaõ da Costa  
as Tropas de El-  
vas.

Anno  
1641.

vavaõ, e marcharaõ para o inimigo, que caminhava com intento de passar a preza no rio Caia, que naquella Campanha entra em Guadiana com crecida corrente. Os Castelhanos advertidos do Commisario geral, que mandava as Tropas, de que naõ era para desprezar a resoluçaõ dos Portuguezes, largando a roupa que traziaõ nas garupas aguardaraõ formados a resoluçaõ dos que os buscavaõ. Tanto que a nossa gente chegou, dispararaõ os Castelhanos as carabinas, e acertou huma bala no Capitaõ Gaspar de Siqueira, de que cahio morto, merecendo as suas partes por muitos titulos mais dilatada vida. Foy de maior effeito a carga que os Castelhanos receberaõ da nossa Infantaria: porque matando-lhe, e ferindo alguns da vanguarda das Tropas, se diminuo o ardor de todos. Reconhecendo os embarços a nossa pouca Cavallaria, os atacou na desordem, e lhes accrecentou a confusaõ; e uzando as duas Tropas de toda a destreza, depois de darem a carga voltaraõ a formar-se na retaguarda da Infantaria, e tornaraõ com grande presteza a occupar os seus postos. Ajudados das cargas que a Infantaria multiplicava, investiraõ segunda vez aos Castelhanos com taõ bom successo, que os obrigaraõ a voltar as costas, deixando alguns mortos, vinte prisioneiros, e levando outros feridos. Sinalou-se nesta occasiaõ André de Albuquerque, Antonio de Saldanha, João de Seixas, Capitaens de Infantaria, e D. Diogo de Menezes, que foy por Soldado da Tropa de Gaspar de Siqueira, e manifestou na primeira occasiaõ galhardamente o seu valor. D. João da Costa sahio da Praça a dar calor á empreza, e achando-a conseguida agradeceo ao Sargento mór Antonio Gallo, e aos mais Officiaes o valor, e disposiçaõ com que haviaõ pelejado, animando-os com os louvores a maiores emprezas. Os Castelhanos largaraõ a preza que levavaõ, salvando só della algum gado, que marchou com hũa partida algũas horas primeiro que as Tropas.

Em quanto succedeo o que fica referido, naõ se atacavaõ nas outras Praças fronteiras de Castella com menos calor as primeiras escaramuças. Assistia em Béja formando o seu Terço D. Francisco de Sousa: chegou-lhe avizo que em Moura, para onde o Terço estava destinado,

entre-

*Atacaõ os Castelhanos.  
Morre Gaspar de Siqueira.*

*Retiraõse os Castelhanos desbaratados.*

*Saher D. João da Costa, agradece aos Cabos o bom successo.*

*Passa a Moura D. Francisco de Sousa.*

## 234 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1641.

entregando-lhe ElRey juntamente o Governo da Praça; havia nos animos dos moradores algum movimento, com indicios de pouca constancia na defenſa da Praça: paſſou-se logo a ella, querendo atalhar que se não levantasse grande incendio o que até aquelle tempo era pequena faifca. Chegando a Moura averiguou que os moradores de Barrancos haviaõ sido os mais culpados naquella alte-  
 ração. Deo D. Francisco logo conta a ElRey deste succes-  
 ſo, e havendo-lhe chegado outras noticias de maiores  
 insultos destes Paizanos, a que chamavaõ Genizaros os  
 de Alemtejo, por haverem partido até o idioma Portu-  
 guez com a lingua Castellhana; ordenou ElRey a D. Fran-  
 cisco de Souſa, que para castigo deste, e terror dos mais  
 Lugares, arrazasse logo Barrancos. Era este Lugar dos  
 Condes de Linhares, ficava na Raya de Castella defronte  
 de Enzina Sola; e além das razoens referidas estava taõ  
 empenhado dentro de Castella, e era taõ difficil, e pou-  
 co util conservallo, que sem a culpa dos moradores fora  
 justo destruillo. Marchou Dom Francisco a executar a or-  
 dem d'ElRey, observando o segredo por não fazer rebel-  
 des os que eraõ só máos Vassallos; exemplo que pudera  
 ser naquelle tempo de grande prejuizo chegou a Bar-  
 rancos, mandou ſahir do Lugar todos os moradores, e de-  
 pois de tirarem o fato lhe puzeraõ os Soldados o fogo.  
 Recolheo-se D. Francisco a Moura sem embaraço dos Ca-  
 stelhanos, e voltou a Bèja a acabar de formar o seu Ter-  
 ço. No dia seguinte ao que partio de Moura entraraõ os  
 Castelhanos com 300 Cavallos até o Lugar da Amareleja,  
 levaraõ grande preza; ſahio a buscallos o Sargento mór  
 Francisco de Abreu de Lima, que Luiz da Silva Alcaide  
 mór de Moura havia mandado de soccorro a Amareleja  
 com 200 Infantes, e retirando-se os Castelhanos sem re-  
 quererem pelejar, entrou o receio nos nosſos Soldados,  
 e fugiraõ antes de terem occasiaõ que os obrigasse. Os  
 Castelhanos vendo a desordem se valeraõ della, ataca-  
 raõ com furia, e não acharaõ mais resistencia, que a de  
 80 Infantes, que se recolheraõ a huma tapada, de cu-  
 jas cargas recebendo algum damno se retiraraõ, por se  
 não resolverem a investillos. O Sargento mór a quem  
 se

*Arraza-se Bar-  
 rancos pela in-  
 felicidade dos  
 seus moradores*

*Escaramuça no  
 Lugar Amare-  
 leja.*

Anno  
1641.*He laqueado  
dos Castelhanos*

se attribuiu a desordem dos Soldados, foy prezo, e depois desterrado com nota de infamia em seu assento, sendo digno de grande louvor o zelo com que dispunhaõ a nossa defenfa os primeiros authores da nossa liberdade. Applaudiaõ-se em Elvas os que valerosamente procediaõ, castigavaõ-se em Moura os que vilmente voltavaõ as costas ao perigo, guardando a vida para o discreditõ; porque só de se fazer distincção de homens a homens, e de procedimentos a procedimentos se colhe o fructo fazendaõ do, que alimenta, e dilata as Monarquias. Os Castelhanos voltaraõ segunda vez a Amareleja, que entraraõ, e saquearaõ sem resistencia. Chegando a Béja este avizo a D. Francisco de Souza, recebeo outro para prevenir a gente que havia levantado, ordenando-se lhe que marchasse com ella em socorro de Olivença, por se ter avizo de algumas intelligencias, que se conservavaõ em Castella, que os Castelhanos voltavaõ sobre aquella Praça; porém como nestas noticias não ha certeza, mudaraõ de opiniaõ, e publicou-se, que o inimigo queria interpretar Moura; acodio sem dilação D. Francisco á sua Praça, achou nella os moradores muito defalentados; animou-os á defenfa, e dentro de poucos dias se desvanecio esta presumpção.

Continuavaõ os Castelhanos as entradas, e pareceo necessario divertir-se com a vingança a oppressão dos Povos. Distava Valença de Bomboy huma legoa de Amareleja, e era a Villa como mais vizinha dos nossos Lugares, de que elles recebiaõ maior damno; tinha seis Companhias de guarnição, e alojavaõ-se nella cinco Companhias de Cavallos. Informado deste presidio, e da pouca defenfa das trincheiras da Villa se resolveo Francisco de Mendoga Alcaide mór de Mouraõ, cinco legoas distante de Moura para a parte de Olivença, a tratar com D. Francisco de Souza a interpreza desta Villa: reconheceo D. Francisco a difficuldade deste intento considerando que, unida a gente de Moura com a de Mouraõ, eraõ pouco mais de mil os mal disciplinados Infantes, e só quarenta os pouco destros Cavallos; porém lembrado de que os Portuguezes sempre com pouco poder conseguiraõ  
gran:

Anno  
1641.

*Ataque de Valen-  
ça da Bôboy.*

*He ganhada pe-  
los Portuguezes*

grandes acçoens, se resolveo a seguir a opiniaõ de Francisco de Mendoça. Concertou com elle juntarem-se na Amareleja, que ficava a ambos em igual distancia, e que lançassem voz de que se uniaõ para comboiar o trigo, que aquelles moradores colhiaõ das suas searas. Uniraõ-se os dous na Amareleja com o poder referido, e marcháraõ para Valença quando cerrou a noite; chegáraõ a villa depois de romper o dia seguinte: sendo reconhecidos dos Castelhanos, formáraõ as Tropas fóra da Villa, e entre ellas algumas mangas de Mosqueteiros, e guarneceráõ as trincheiras com a Infantaria que lhe sobrava, e com a gente da terra. Fez esta boa disposiçaõ mais airoso o nosso ataque, porque desprezando a Infantaria o perigo, foy em muito boa fórma com repetidas cargas ganhando os postos. Largaraõ-lhos sem grande resistencia as Tropas, e dando os dous Cabos valeroso exemplo, avancáraõ por todas as partes a Villa; fugiraõ as Tropas, e desamparou a Infantaria a trincheira: entraraõ a os nossos Soldados, e padeceo a Villa miseravel estrago: foraõ muitos os despojos, resguardando-se religiosamente os lugares Sagrados. Salvaraõ-se as Tropas dos Castelhanos em Oliva, que ficava pouco distante, os Infantes padeceã o maior damno. Retirou-se D. Francisco de Sousa, e Francisco de Mendoça, trazendo os Soldados contentes com o despojo, e deixando os Povos satisfeitos com a vingança, como se o prejuizo alheio fora remedio da miseria propria.

As fronteiras de Castello de Vide, e Marvaõ experimentaraõ neste principio algumas hostilidades da Guarniçaõ de Valença. Governava Castello de Vide D. Nuno Mascarenhas Mestre de Campo de hum Terço, que guarnecia aquella, e as mais Praças vizinhas. Tomou satisfação da offensa dos Castelhanos juntando 400 Infantes, com os quaes destruiu toda a Campanha de Valença chegando até as portas da Villa, sendo facil correr a quelle districto sem Cavallaria pela grande aspereza, e passos difficultosos de todo elle: recolheo-se Dom Nuno sem embaraço dos Castelhanos. Neste tempo chegou a Estremoz Martim Affonso de Mello, e tomando promptamente

*D. Nuno Mascarenhas Governador de Castello de Vide corre a Campanha de Valença de Alcantara.*

*Chega a Estremoz Martim Affonso de Mello.*

Anno  
1641.

tamente informação do estado da Provincia, e codio a todas as Praças, se não com tudo o que era necessario a cada huma, proporcionando-as a todas conforme a importancia dellas, e ao que os poucos cabedaes daquelle tempo dispensavaõ. Obrigou aos moradores de Estremoz a fortificar a Villa na forma, que as mais da Provincia o haviaõ executado: levantáraõ huma grossa trincheira de terra, e faxina com banquetas, e parapeito, defenfa bastante para deter o impulso da Cavallaria do inimigo: muitos annos se sustentou desta fórte, depois ensinou a experiencia, que Estremoz era o coração de Alemtejo, e consequentemente de todo o Reino, e se fabricou nesta Villa a grande Fortificação, que hoje a rodea, merecendo com ella o nome de huma das melhores Praças de toda Europa. Creceo a trincheira, que Martim Affonso de Mello mandava levantar, com hum rebate falso, que se deo de noite, de que se originou taõ grande confusão, por se não haverem finalado aos moradores os postos, a que haviaõ de acodir, que, a ser verdadeiro, pouco numero de Castelhanos bastára para entrar a Villa sem opposição. Acautelados com a experiencia se dispozeraõ os moradores com melhor fórma, e por todas as partes de Alemtejo era necessaria grande vigilancia: porque os Castelhanos não prevenindo que os coraçoes valerosos se endurecem de todo tratados com crueldade, julgáraõ pela mais acertada politica não perdoar a extorção alguma. Mostrou-lhes depois a experiencia, no sangue, que tantas vezes, e em tanta copia derramáraõ, que fora melhor, para o conservar nas proprias veias, uzar da fleima, que irritar a colera. Com algũas Tropas, e poucos Infantes entráraõ facilmente as Aldeias Talega, e Olor distantes menos de hũa legoa de Olivença. Tiveraõ os moradores avizo a tempo que pudéraõ retirar se a Olivença, perderãõ a pouca roupa com que pobremente se reparavaõ, victoria de que os Castelhanos nas gazetas fizeraõ ridicula ostentação. Retiraraõ se deixando queimadas as Aldeias, e nas Igrejas dellas frõtillegos testemunhos da sua irreverencia. Os moradores das Aldeias se dispuzeraõ a satisfazer o aggravo, e a recuperar a perda: hum, e cu-

Fortifica-se a  
Villa.

Queimaõ os  
Castelhanos Ta-  
lega, e Olor.

Anno

1641.

O Duque de Faria, e o Marquez de Castro Forte intentão Mourão,

Retirãõ-se.

tro effeito conseguiraõ em muitas entradas, que fizeraõ em varias partes de Castella.

Neste tempo estimulado o Duque de Faria, e o Marquez de Villa-Nova, que afflittiaõ nos seus lugares, da perda de Valença, quizeraõ restaurar, se naõ a Praça, a reputaçãõ; juntou-se-lhes o Marquez de Castro Forte; e chegando-lhes alguma gente de Badajoz, formaraõ hum Corpo de 1600 Cavallos, e dous mil Infantes, e amanheceraõ a sete de Agosto sobre Mourão. Foraõ sentidos pouco espaço antes de atacarem, e por este respeito naõ tiveraõ os descuidados moradores mais tempo, que o de se recolherem do arrabalde á fraca trincheira da Villa: guarneceraõ-a, e acudindo valerosamente Francisco de Mendoça, acháraõ os Castelhanos galharda opposiçãõ, onde consideravaõ debil resistencia; porque passando o arrabalde, que ganháraõ, e investindo a trincheira, foraõ taõ repetidas, e com taõ felice emprego as cargas, que della se deraõ, que os Castelhanos se retiraraõ sem poder conseguir a empreza; determinaçãõ, que os da Praça celebraraõ disparando quatro vezes com grande effeito huma só peça de artilharia, que tinhaõ sem mais balas. Saquearaõ o arrabalde, e retiraraõ-se com grande perda. Antes de chegarem a Gerumenha, por onde fizeraõ a marcha, encontraraõ Francisco Rebello de Almada Commissario Geral da Cavallaria, que por ordem de Martim Affonso de Mello vinha de Estremoz a soccorrer Mourão com 200 Cavallos, e 400 Infantes: tanto que descobrio as Tropas inimigas, ganhou com tempo os Olivaeas de Gerumenha, ficando-lhe a Praça nas costas, e encobrando-lhe a Infantaria o que bastava para naõ ser vista mais que a vanguarda, que prolongou: fez apparencia de tanto poder, que os Castelhanos naõ quizeraõ tentar a fortuna, e unindo-se D. Rodrigo de Castro com a sua Companhia a Francisco Rebello á vista do inimigo, lhe tirou de todo a resoluçãõ de pelejar: durou a escaramuça muitas horas, á tarde recolheraõ os Castelhanos os batelores, e se retiraraõ para Badajoz. O Commissario Geral meteo as muniçoens, que levava, em Mourão, e voltou-se para Elvas, onde ja estava o Governador das

Ar:

Armas: os de Mouraõ recompentiáraõ de pressa o damno, que recebéraõ no arrabalde, com grossas prezas, que fizeram em Castella.

Annõ

1641.

Martim Affonso de Mello deixando Estremoz com as prevençoens referidas, passou a Elvas, onde foy recebido dos moradores com grande alegria, por ser natural, e Alcaide mor de Elvas. Logo que entrou nesta Praça o informou D. Joaõ da Costa do estado da Provincia, na qual, disse, que se achavaõ tres mil Infantes pagos, e 400 Cavallos; que as Praças com a terra, e faxina, que se havia levantado nellas, estavaõ defendidas dos assaltos, e não dos sitios; que a artilharia era muito pouca, e as muniçoens menos; e que o damno, que os lavradores haviaõ recebido era muito grande, porque os Soldados Infantes difficulosamente defendiaõ mais que as Praças; e que a Cavallaria era taõ pouca, que não bastava para a segurança dos gados; que a Infantaria paga estava dividida pelas Praças principaes; que as outras se guardavaõ com os seus mesmos moradores; procedimento de que se devia esperar muito, e fiar pouco: porque ainda que as valerosas acçoens, que haviaõ executado, seguravaõ as esperanças de não prevaricar a sua fidelidade, a experiencia em todas as partes do mundo mostrava, que nos grandes conflictos se apagava facilmente o ardor dos Paizanos sem a uniaõ da Infantaria paga; e que o poder referido era muito inferior ás forças, que os Castelhãos juntavaõ; e que assim era preciso considerar muito nos meios de engrossar as Tropas, e de bastecer, e municionar as Praças. Que o Conde de Monte Rey era General do Exercito de Castella, e de Merida havia passado a Badajoz, onde assistia; que era seu Mestre de Campo General D. Joaõ de Garay, Soldado de grande experiencia, e reputaçãõ; que a Cavallaria governava D. André Pacheco, e que para General da Artilharia estava nomeado D. Luiz de Alancastre, tio do Duque de Aveiro; que os mais postos, e governos das Praças occupavaõ grandes Senhores, e Soldados de estimaçãõ, e que os confidentes, que havia em Castella, seguravaõ que eraõ dous mil os Cavallos das Tropas pagas, e quasi outros tantos os

*Entra em Elvas  
Martim Affonso  
de Mello.*

*Informa'o Dom  
Joaõ da Costa  
do estado da  
Provincia.*

de



Anno  
1641.

de outras Tropas, que chamavaõ Milicianas, que tinha sete mil Infantes pagos, e oito mil quintados, que eraõ como as nossas Ordenanças; trinta peças de artilharia montadas, seis grossas, as mais de Campanha, quatro morteiros, petardos, e todos os instrumentos de expugnação; que estavaõ as carruagens promptas, e ajustado assento para vinte, e cinco mil reçoens; que este Exército era taõ numeroso, que se devia applicar igual cuidado a todas as Praças: porém que a de Olivença pedia maior attençaõ assim por haver sido infructuoso empenho do Conde de Monte-Rey, que seguindo a ordem dos affectos humanos, havia de preferir para a conquista a Praça de que recebera a maior offensa, como por ser a Guarnição de Olivença continua oppressão de muitos lugares de Castella, e freio das entradas em Portugal. A estas advertencias ajuntou Dom. Joaõ da Costa todas as mais que lhe pareceraõ uteis, e com esta direcção deo Martim Affonso de Mello principio ao seu governo. Elego Elvas para assistir nella continuamente (exemplo que acertadamente seguiraõ muitos annos os Governadores das Armas que lhe succederaõ.) Os moradores de Elvas desejavaõ colher algumas paveas de trigo, a que havia perdoado o incendio dos Castelhanos, e as uvas das vinhas das Caldeiras: receosos do perigo propuzeraõ a Martim Affonso o seu intento, favorecidos da cõmiseracão. Mandou jurar toda a carruagem possivel comboiada de mil Infantes, e 400 Cavallos, sahiraõ de Elvas ao amanhecer, brevemente chegou o avizo a Badajoz; donde acodio a Cavallaria, e Infantaria a Telena, e sem mais que receio de huma, e outra parte, colhidos os fructos da Campanha, se retiráraõ as Tropas de ambas. Os Castelhanos naõ estavaõ ociosos, davaõ continua oppressão em todas as fronteiras: corrieraõ Campo-Maior com pouco fructo, passáraõ a Arronches, fizeraõ grande preza: a desesperacão dos moradores os obrigou a ser guillos, acháraõ em alguns passos estreitos lugar de tentar a fortuna; investiraõ com poucas eguas, e algumas espingardas tres Tropas que levavaõ a preza, cahio das primeiras balas morto o Capitaõ de Cavallos Cabo das Tropas.

*Correm os Castelhanos a Campanha de Campo-Maior, e Arronches.*

largá.

Anno  
1641.*D. Nuno Mascarenhas  
1641  
quea Ferreira.**Proposta de hũ  
Frade a D. João  
de Garay.*

largáraõ os mais a preza, e ficáraõ com ella os de Arronches satisfeitos, e vingados. Em Castello de Vide não era menor a oppressão: alguns Cavallos que assistiaõ na Villa de Ferreira molestavaõ mais continuamente aquelle districto. Retolveo-se D. Nuno Mascarenhas a procurar algum remedio, juntou 600 Infantes pagos, e da Ordenança, marchou para Ferreira, onde havia 400 fogos, chegou sem ser sentido, entrou facilmente: saqueou a Villa, e queimou-a. Recolheraõ-se os moradores a hum Castello que tinhaõ antigo, e forte, e D. Nuno se retirou com os Soldados satisfeitos do despojo. Nestas entradas de pouca consideração se passava o tempo sem se verem no Exercito de Castella os effeitos que prometia. Quiz adiantar os seus progressos o Mestre de Campo General D. João de Garay, e intentou ganhar Elvas, persuadido de hum Frade, que de Elvas passou para Badajoz, e segurou a D. João, que nesta Praça havia duas parcialidades, huma que seguia a voz d'El Rey de Castella, outra d'El Rey de Portugal: que a Castelhana lhe mandava pedir soccorro, e que no primeiro rebate que houvesse estariaõ promptos para que sahindo a elle os Cabos, e Soldados de Guarnição, como costumavaõ, ficando senhores da Cidade occupassem as portas della, que prometiaõ conservar até serem soccorridos; o que seria facil não podendo tornar-lhe a ganhar as portas a Guarnição, por ser pouca, bizonha, e mal armada. Ainda que Dom João de Garay não deo inteiro credito a esta proposta, não lhe pareceo que se desprezasse: ordenou a hum Official pratico de hum dos Terços Waloens, que com quatro Soldados de confiança se passasse a Elvas, e que depois de introduzidos examinassem o fundamento com que o Frade facilitava a empreza, e o poder que tinha a parcialidade, que elle chamava d'El Rey de Castella; e que com a noticia do que achassem voltasse a Badajoz, ou mandasse hum dos Soldados. Partio este Official logo que recebeu a ordem, entrou em Elvas; e mandando examinar Martin Affonso assim a elle como a seus companheiros, achando que se encontravaõ nas confissoens, os remetteo a Lisboa: o mesmo successo tiveraõ cinco Soldados de Cavallo, que

Anno  
1641.

*Intenta Elvas  
o Conde de Monte  
Rey.*

*Sabe Martim  
Affonso, adian-  
ta-se D. João  
da Costa com  
as Tropas.*

*Recontro da  
Terrinha.*

*Degolaõ as Tro-  
pas Portugue-  
zas com Dra-  
goens.*

com a mesma ordem passaraõ a Olivença. Vendo D. Joaõ de Garay que naõ podia conseguir mais distincta noticia, que a primeira, que o frade referira, que persuadido do pouco, que se arriscava, havendo de exceder muito o poder, que levasse, ao que havia de achar em Elvas, aconselhou ao Conde de Monte Rey, que tentasse esta empreza. Julgou o Conde conveniente seguir este parecer: juntou tres mil Infantes, e 1500 Cavallos. Passou Caia, e fez alto nas vinhas de Terrinha, sitio, que forçosamente descobriaõ as sentinellas da nossa Ronda: chegarã ellas depois de sahido o Sol, carregou-as huma Tropa dos inimigos até dentro dos Olivæes. Com a noticia do rebate mandou Martim Affonso montar as Tropas, em que ja havia 500 Cavallos, pelas haver remontado Martim Affonso, e estarem nesta occasiaõ quasi todas em Elvas, e sahir dos Terços mil Infantes. Conduzio esta gente Dom Joaõ da Costa, e Martim Affonso; que estava sangrado tres vezes, se levantou da cama, e sahio ao outeiro de Santa Luzia, donde divisava toda a Campanha. Marchou D. Joaõ da Costa, e sahindo fóra dos Olivæes fez alto de traz de huma colina, onde as Tropas ficavaõ cobertas da Campanha: mandou occupar as sentinellas necessarias, e descobrir a Campanha por 25 Cavallos, a que dava calor D. Rodrigo de Castro com a sua Tropa. Deo vista a Esquadra a tres Tropas Castelhanas, que eraõ as que haviaõ corrido as sentinellas: procurou detellas, ao que se deixaraõ persuadir facilmente, intentando que a Tropa de D. Rodrigo se empenhasse de sorte que se perdesse sem remedio. Entendeo Dom Joaõ da Costa a determinação dos Castelhanos, e mandou retirar D. Rodrigo de Castro: obedeceo elle, recolhendo os batedores com boa ordem. Desenganados os Castelhanos de que naõ podião empenhallo, o carregaraõ as tres Companhias: havia D. Joaõ da Costa avançado com as nossas Tropas ao alto da colina, guarnecendo-lhe os flancos com algumas mangas de Mosqueteiros: empenharaõ-se os Castelhanos de sorte, que se achãraõ entre as nossas Tropas, que os recebã com huma carga felicemente empregada. Era huma das Companhias dos Castelhanos de Dragoens, os quaes desmontando-se

Anno  
1641.

tando-se como costumavaõ, para dar a carga com os mosquetos que traziaõ, os carregaraõ as nossas Tropas taõ valerosa, e ligeiramente, que degolláraõ 100 Castelhanos, antes que os da emboscada os pudessem soccorrer, o que com toda a diligencia procurou o Conde de Monte'Rey, e D. Joaõ de Garay; descobrindo a Atalaya ( que se havia levantado no monte da Terrinha, e estava guarnecida ) aos Castelhanos que estavaõ emboscados, tocou á arma, e reconhecendo a causa D. Joaõ da Costa, retirou os Soldados com grande trabalho, porque se haviaõ empregado em despir os Castelhanos mortos; mas reduzindo-os à primeira fórma, occupou a entrada dos Olivaes antes que o inimigo chegasse a elles, e metendo a Infantaria em duas tapadas, que de huma, e outra parte franqueavaõ a estrada, recebèraõ as Tropas, que vinhaõ avançadas huma carga com tanto effeito, que cahiraõ mortos muitos Soldados dellas. Fizeraõ alto, e atacou-se entre as Tropas hum escaramuça, que sustentou com valor D. Rodrigo de Castro, e não querendo empenhar a Infantaria, de que pudera resultar-lhe melhor successo, se retiráraõ com a perda referida, e foy o castigo do frade o desaffogo do damno, que lhes occasionou: teve em Badajoz larga, e estreita prizaõ, depois o remettèraõ a Madrid. Recolheo-se a nossa gente a Elvas, e logrou Dom Joaõ da Costa o merecido applauso do bom successo que dispuzera, e conseguira, ajudado do valor dos que o acompanháraõ. Antes deste successo havia logrado em Portalegre Dom Luiz de Portugal outro muito felice. Passou àquella Cidade por ordem do Governador das Armas a examinar a culpa de alguns moradores, dos quaes havia noticia que davaõ avizos aos Castelhanos, e que determinavaõ introduzillos na Cidade. Levou Dom Luiz com si quatro Companhias de Infantaria do seu Terço, e hum ma de Cavallos: entrou em Portalegre com o pretexto de acodir ás Fortificaçoens, examinou secretamente as culpas, e os delinquentes, e castigando alguns que o mereciaõ se socegarãõ todos. Durando esta diligencia entrou o inimigo pela serra de Marvaõ, e queimou as Aldeas de Pitaranha, e Galego; teve Dom Luiz avizo,

*Retiraõ-se os Castelhanos cõ perda.*

*Socega D. Luiz de Portugal Portalegre, e té bom successo cõtra os Castelhanos.*

Anno  
1641.

marchou sem dilação com a gente que havia levado de Elvas, e alguns moradores da Cidade. Hiaõ-se retirando os Castelhanos: seguiu-os D. Luiz, e na sua retaguarda queimou o lugar do Pico, e com huma grande preza se veio retirando. Voltáraõ os Castelhanos, fez alto Dom Luiz, e mandando por alguns Moqueteiros occupar os lados da estrada, estreita naquelle asperissimo sitio, onde a Infantaria he superior á Cavallaria, recebèraõ os Castelhanos huma carga; carregou-os a Tropa que era de Dom Fernando Telles governada pelo seu Tenente Maritim Domingues Banha, tomou-lhes alguns Cavallos, e ficáraõ mortos 30 Infantes. Retirou-se Dom Luiz com a preza, e por ordem do Governador das Armas voltou a Elvas, ficando por Capitaõ mór de Portalegre Manoel Godinho de Castello Branco.

Os intentos do Conde de Monte-Rey, além de serem pouco felices, eraõ condênados em Madrid pela má disposiçaõ com que os fabricava. Desejoso de emendar a fortuna, e restaurar a opiniaõ, experimentando juntamente desvanecidas as intelligencias de Lisboa, infructuoso o empenho do Exercito junto, se resolveo por todas estas razoes a empregallo antes de o desunir. Afeiçãoou-se á interpreza de Olivença, levado do desejo de vingar o primeiro intento mal succedido, e obrigado das queixas repetidas de todos os moradores daquelle districto, os quaes perseguidos da Guarniçaõ de Olivença naõ logravaõ fazenda livre, nem davaõ passo seguro, e persuadido tambem das instancias de Sebastiaõ Correa, que com maior maldade queria emendar a primeira traiçaõ. Resoluto a intentar esta empreza juntou dous mil Cavallos, e seis mil Infantes, e passou a Valverde. Na tarde de 16 de Setembro sahio desta Villa, marchou sem ser sentido pela Ribeira, e chegou junto de Olivença tres horas antes de amanhecer: neste tempo sentiraõ o rumor da gente dous lavradores, correrãõ a dar avizo á Praça, mas naõ chegãraõ mais depressa que os Castelhanos: Perguntãraõ as sentinellas, *Quem vive?* E quizerãõ elles dissimular-se com a cautela de *Viva El Rey Dom Joaõ*: pedida a contra-senha, e naõ respondendo, foraõ reconhecidos.

Interpreza  
de Olivença o Conde  
de Monte-Rey.

Anno  
1641.

cidos. Tocou-se arma, e não dando lugar a maior prevenção, avançaraõ valerosamente, e era o perigo tão vizinho, que, a não serem rebatidos do valor de poucos Soldados, primeiro se padecêra o estrago, do que se prevenisse o remedio. A Companhia que estava de guarda ás mal cerradas portas, que era a do Mestre de Campo D. João de Sousa, governada pelo seu Alferes Martim Nabô Paçanha, foy a que deteve a exemplo dos primeiros Soldados o impeto dos Castelhanos; os quaes não só atacáraõ a porta, mas os dous baluartes de hum, e outro lado della, sobindo pelos flancos que a descortinavaõ; acháraõ a primeira resistencia em alguns moradores que acodiraõ ao rumor. As vozes dos Castelhanos, ruido das balas, e clamores do Povo acodio Rodrigo de Miranda Governador da Praça, que succedeo a Francisco de Mello, que occupou o posto de Mestre de Campo, acompanhado de D. Manoel de Sousa, e outros Officiaes; fizeram atalhar as bocas das ruas, e unido hum Corpo de Infantaria da que se vinha juntando, carregáraõ valerosamente os Castelhanos. Durou o conflicto duas horas que durou a noite; a manhã lhes acabou de introduzir as luzes do esforço, sepultando aos Castelhanos nas trevas do medo: perderaõ os postos que haviaõ ganhado, e quando se retiráraõ, sendo a distancia pouca, os corpos grande alvo, e os tiradores destros, foy o damno excessivo: passáraõ os mortos, e feridos de 400, entre elles Officiaes de importancia, e pessoas de qualidade. Formaraõ-se a tiro de artilharia, de que tambem recebêraõ prejuizo. Recolheraõ-se a Badajoz, mandando a Cavallaria em tres tróços a Elvas, Campo Maior, e Villa Viçosa: porém voltaraõ-se todos sem effeito algum, por acharem os gados recolhidos. Houve no successo referido acçoens muito finaladas: foy das mais celebres defender na porta Gregorio Correa natural de Seixas termo de Ourem, sendo de setenta annos, grande espaço com hum chuço aos Castelhanos a entrada della, e repetindo muitas vezes, *Doume eu a Deos, e ao meu Rey Dom Joaõ: affastay Castelhanos, que não haveis de entrar*; foy invencivel, recebendo grande numero de golpes. Na defenſa dos baluartes

*Retira-se com grande perda,**Ação valerosa de Gregorio Correa,*

Anno

1641.

Rodrigo de Miranda, e os mais officiaes procedem com valor.

luartes procederaõ com grande valor os Capitães Francisco Pinto Pereira, e Antonio de Valconcellos: Rodrigo de Miranda executou valerosamente o que fica referido, e distribuio todas as ordens com grande acerto até lançar os Castelhanos fóra da Praça: ficou nella hum Soldado morto, e alguns feridos. A tarde que os Castelhanos sahiraõ de Badajoz, chegou a Campo Mayor hum Portuguez, com quem tinha intelligencia o Governador das Armas, e deo conta ao Sargento mór Luiz Alvares Baines da entrada, e intento do Conde de Monte Rey: fez o Sargento mór avizo ao Governador das Armas, o qual sem dilaçaõ chamou a Conselho, e propoz a noticia, que havia recebido: concordaraõ todos os votos; que se foccorresse Olivença, e que ficasse em Elvas Martim Affonso de Mello para acodir aos accidentes, que sobreviessem. Naõ quiz elle ajustar-se nesta parte às opiniões do Conselho, e resolveo, que elle havia de ser quem levasse o foccorro. Despachou logo todos os Soldados das ordens, que assistiaõ em Elvas, das Praças da Provincia, ordenando a todos os Governadores dellas, que marchassem a Gerumenha, para onde logo partia com a maior brevidade, e maior numero de gente, que lhes fosse possível juntar. Despedio juntamente partidas sobre Badajoz, e Olivença, com ordem, que lhe fossem mandando avizo de tudo o que observassem; e na mesma noite partio de Elvas para Gerumenha com a Cavallaria, e Infantaria daquella Guarniçaõ, duas peças de artilharia, e algumas muniçoens. Pouco havia marchado, quando se lhe unio a Guarniçaõ de Campo Mayor; e antes de chegar a Gerumenha reconheceo o assalto de Olivença, ouvindo os tiros, e vendo fuzilar os mosquetes. Chegou a Gerumenha, e ao meio dia recebeu avizo de Rodrigo de Miranda do máo successo, que os Castelhanos tiveraõ na interpreza; porém que ainda ficavaõ á vista da Praça: que se achava com taõ poucos defensores, que necessitava muito de ser foccorrida. Martim Affonso achando-se com 1600 Infantes, e 600 Cavallos, se resolveo a marchar para Olivença sem aguardar a mais gente, que havia mandado conduzir, só lhes deixou ordem em Gerumenha para

Parte Martim Affonso de Elvas com foccorro.

Anno  
1641.

para que se incorporassem na ponte de Olivença, donde lhes faria avizo do que haviaõ de executar. Antes de partir de Gerumenha recebeo carta de Rodrigo de Miranda em que lhe dizia, que o inimigo se havia retirado: continuou Martim Affonso a marcha, que antes pudera ser intempestiva, levando comfigo só a Cavallaria, e algumas cargas de muniçoens, que seguravaõ 200 Mosqueteiros. Chegando a Olivença agradeceo com grandes demonstraçõens aos Officiaes, Soldados, e moradores o valor que haviaõ mostrado; e deixando em Olivença a Infantaria que levava, huma Tropa, e as muniçoens, se voltou para Elvas, mandando despedir os soccorros, que havia convocado.

*Entra em Olivença, anima os Soldados, e augmenta o presidio*

O Conde de Monte Rey tendo noticia das prizoens que El Rey naquelle tempo mandou fazer em Lisboa, de que adiante se dará noticia, desfez o Exercito, e aquartelou as Tropas, (resolução por onde se justificou, que fora formado para este fim) e como experimentava desvanecidos os intentos, e as empresas mal succedidas, se resolveo a deixar a guerra, e dentro de poucos dias partio para Madrid, onde se queixou de Sebastiaõ Correa dizendo, que o fizera mal lograr as empresas com opinioens fingidas, e conselhos dissimulados: ordinaria desculpa de Generaes infelices, e merecido castigo da infidelidade de Sebastiaõ Correa, experiencia que encontraõ os que pretendem fundar sobre bases abominaveis a estatua da virtude. Ficou o Mestre de Campo General Dom Joaõ de Garay Governando o Exercito, e querendo dar felice principio ao seu Governo determinou interprender Campo Maior por intervençaõ de Antonio Mexia, o mesmo de quem referimos, que Mathias de Albuquerque em tempo do Conde do Vimioso se não fiara; este com similiañtes quimeras pretendeo enganar Martim Affonso de Melto, de coraçãõ taõ aspero para se deixar persuadir da verdade, que lhes faltavaõ todas as disposiçoens para dar credito á mentira; e uzando com Antonio Mexia da pouca dissimulaçaõ que tinha por natureza lhe disse, que bem o conhecia por traidor, mas que, se fizesse a El Rey algum grande serviço, ficaria livre desta opiniaõ, e que

*Retira-se a Madrid o Conde de Monte Rey.*



Anno  
1641.

acharia seguro premio da sua diligencia. Usou Antonio Mexia desta resposta com differente sentido, e tendo lugar de passar occultamente a Badajoz, segurou a D. Joaõ de Garay entregar-lhe Campo Mayor; o qual o remetteo a D. Joaõ de Sentilisses, que para este fim havia mandado para Albuquerque. A falta que Antonio Mexia fez em Campo Mayor deo cuidado ao Sargento mór Luiz Alvares; accrecentou-se, vendo que os Castelhanos vinhaõ reconhecer a Praça com quatro Tropas: fez avizo a Martim Affonso de huma, e outra attençãõ; mandou elle logo para Campo Mayor o Mestre de Campo Aires de Saldanha com seis Companhias de seu Terço, prevençãõ; que disfluadio aos Castelhanos da empreza. Aires de Saldanha tratou com grande calor da fortificaçãõ daquelle Praça, que ficou governando, e molestava com partidas continuas os lugares do inimigo vizinhos a ella. Neste tempo interprenderaõ os Castelhanos com mão successo a Aldea de Santo Alexo, quatro legoas de Moura. A noticia de que os moradores eraõ ricos obrigoou ao Commissario geral Dom Joaõ de Terrassas a procurar licença para saqueallos: concedeo-lha Dom Joaõ de Garay, sahio de Badajoz com 200 Cavallos, e incorporados os de Valverde, e outros Lugares com alguma Infantaria, formou hum Corpo de 1500 Soldados, e amanheceo sobre a Aldea de Santo Alexo: era ella cercada de huma pequena trincheira, e defendida de 100 moradores, governados pelo Capitaõ Martim Carrasco Pimenta: repartio elle a gente pelos postos perigosos, e reservou alguns, que sobraraõ, para acodir aonde o aperto fosse maior. Avançaraõ os Castelhanos as trincheiras, e chegando muitas vezes a montallas, de todas foraõ valerosamente rebatidos: retiraraõ-se desenganados, deixando alguns mortos, levando outros feridos. Teve este avizo Martim Affonso, mandou soccorrer a Aldea com muniçoens, e ao Capitaõ de Cavallos Dom Henrique Henriques com a sua Companhia de quartel para Moura, desejando evitar o damno, que os Castelhanos faziaõ aos lavradores daquelle districto. Entraraõ elles no termo de Monsarás com 200 Cavallos, fizeraõ huma grande preza,

que;

*Retiraõ-se os  
Castelhanos de  
Santo Alexo.*

Anno  
1641.

querendo passar Guadiana lha tiráraõ os lavradores que se haviaõ unido, e os obrigáraõ a retirar-se, perdendo 30 Cavallos. Aires de Saldanha continuando no desejo de occasionar aos moradores dos lugares de Castella o mesmo damno que padeciaõ os de Portugal, mandou huma partida de 20 Cavallos a Villar d'ElRey, quatro leguas de Campo Maior: rebanháraõ estes 400 rezes; porém tendo andado a maior parte do caminho, lhas tirou huma Tropa, que estava em Villar d'ElRey. Retiraraõ-se para Campo Maior, e dando noticia do que lhe havia succedido, montou Joaõ de Saldanha da Gama com a sua Companhia, e duas, que haviaõ chegado de Elvas comboiando tres peças de artilharia, e sahio com grande brevidade a buscar os Castelhanos. Cerrou-se a noite, e foy taõ tenebroia, que as Tropas não só erráraõ o caminho, mas divididas em partes tomáraõ varias estradas. Teve melhor fortuna o Tenente Joaõ Soares da Companhia de Joaõ de Mello, porque com 17 Cavallos deo vista dos que levavaõ a preza: desprezou o excesso na confiança do valor, avançou aos Castelhanos, voltáraõ elles as costas deixando 10, e largáraõ a preza: rebanháraõ a os nossos, e puzeraõ-se em marcha. Por iguaes meios se dispunha a fatisfaçaõ; porque os que fugiraõ para Villar d'ElRey, acháraõ duas Tropas de Badajoz, que haviaõ chegado com hum comboy: unidos todos seguiraõ a nosla partida; porém quando a avistáraõ, estava ja incorporada com Joaõ de Saldanha, e os mais que se haviaõ perdido: era o numero igual, mas não foy igual a resoluçaõ, porque os Castelhanos vendo mais gente da que suppunhaõ, não deraõ lugar a que os reconhecessem, e com grande diligencia se retiráraõ. Aires de Saldanha com aquellas Tropas, duas mais de Elvas, e 500 Infantes, armou às Tropas de Villar d'ElRey; e Talavera: tocou-se arma antes de tempo, recolheo-se sem outro effeito, que o da desordem com que procederaõ os Soldados, prejudicial inimigo das empresas militares. Eraõ estes leves encontros os effeitos da guerra de huma, e outra parte: porém a lima do exercicio hia pouco a pouco gastando a bisonharia dos nossos Soldados; e o tempo que costuma escurecer o lustre

Varios successos  
em outras partes.

250 PORTUGAL RESTAURADO,

tre das armas as fez resplandecentes nas mãos dos Portuguezes.

Anno

1641.

Interpreza de  
Valverde.

Foy neste anno a maior acção que se intentou em Alemtejo a interpreza de Valverde. Teve noticia Martim Affonso, que o inimigo engrossava o presidio desta Villa: receou novo sobresalto a Olivença, e elegeo generoso caminho de o atalhar, conformando-se com a opiniaõ de D. João da Costa, o qual lhe propoz, que tinha por factivel interprender Valverde, e que succedendo felicemente como esperava, se conseguiria para as armas opiniaõ, e para os Soldados exercicio, e utilidade, dous pólos que sustentaõ a máquina da guerra, e que juntamente ficaria Olivença livre dos assaltos, tendo o perigo menos vizinho, e os Lugares abertos daquella parte sem tanta oppressaõ; pois era Valverde pela vizinhança da Raia a confiança que mais obrigava aos Castelhanos a entrar em Portugal. Conformando-se Martim Affonso com este acertado parecer, sem communicar a outra pessoa a resoluçaõ que tomava (base em que se seguraõ todos os designios da guerra) escreveu a Rodrigo de Miranda, que especulasse o estado da fortificaçaõ de Valverde, e o numero de Soldados de que se compunha a sua Guarniçaõ: fiou Rodrigo de Miranda esta diligencia de João Mendes de Magalhaens, o qual vivendo em Valverde quando ElRey se acclamou, fugio da mulher Castelhana, e trouxe a Olivença tres filhos, para que se criassem Portuguezes; ficou-lhe em Valverde segura correspondencia, da qual soube que constava a Guarniçaõ de Infantaria paga de 600 Soldados, e de quatro Tropas, em que haveria 200 Cavallos; que estes governava o Comissario geral João de Terrasas, e a Praça o Mestre de Campo Dom Joseph de Pulgar; que nella haveria quinhentos fogos: e que Dom Joseph havia accõmodado o sitio, como elle o permittia, atalhando as estradas, levantando meias luas, e huma trincheira com banquetas, e parapeitos, tudo de faxina, que havia cortado as ruas, e cõmunicado as casas, e levantado na Igreja hum reducto pequeno, mas bem fabricado. Deo João Mendes estas noticias a Rodrigo de Miranda, e disse-lhe, que se acaso dellas resul-

tasse

Anno

1641.

tasse atacar-se Valverde, que elle se offerencia para guiar a gente, que fosse a esta empreza, e que advertia, que a artilharia era excusada, porque para a conduzir seria necessario rodear tanta terra, que faltassem horas para se lograr a interpreza ao amanhecer. Remetteo Rodrigo de Miranda esta informaçã a Martim Affonso de Mello, conferio-a elle com Dom Joã da Costa, e ajustáraõ dar á execuçã este intento; uniraõ-se com todo o segredo as Guarniçoens das Praças mais vizinhas, e sahiraõ de Elvas a 27 de Outubro. Constaõva o numero da gente de 2500 Infantes, e 500 Cavallos. O Mestre de Campo D. Joã da Costa exercitava o Posto de Mestre de Campo General; e as Tropas hiaõ governadas pelo Commissario geral Francisco Rebello de Almada. Chegáraõ a Olivença ás dez horas da noite, e dilatando-se mais tempo do que era necessario lhes amanheceo meia legua de Valverde; foraõ descobertos, e o tempo que gastáraõ em chegar tiveraõ os Castelhanos de se prevenir. Houve duvida sobre se continuar a empreza, reconhecendo-se o risco de escalar huma Praça de dia, prevenida, e com boa Guarniçã, a qual buscavaõ na confiança do descuido, e silencio da noite; prevaleceo o temor de perder a reputaçã, (que ha casos em que tambem he valeroso) desprezando Martim Affonso de Mello o perigo deo ordem a que investissem as trincheiras; repartio D. Joã da Costa em tres Troços a Infantaria, signalando aos Officiaes a parte por onde haviaõ de atacar, e tendo-se por mais felice aquelle a que tocava o maior risco, todos avançáraõ valerosamente a Villa. Haviaõ os Castelhanos repartido os Postos tripulando Soldados, e Paizanos; e as Tropas occupáraõ o sitio em que estava huma Igreja fóra da Villa collocada aos Martyres. Investio-as o Commissario geral com as que levava, e naõ fazendo grande resistencia voltáraõ as costas, e se recolhèraõ a Valverde. A nossa Infantaria sem uzar das escadas, que levava prevenidas, montou as trincheiras, sendo o conseguir nos Portuguezes consequencia de emprender: desamparáraõ os Castelhanos os Postos, buscando as casas por melhor defenfa, e assim o experimentáraõ os expugnadores, porque das frestas, que para este

Entrão na Villa os Portuguezes  
255.

Anno  
1641.

Morre o Comissario Francisco Rebello de Almada.

Retirado sem effeito.

este fim estavaõ abertas nas paredes dellas, os maltrata-  
vaõ. Entraraõ alguns, e á custa de muito sangue chegá-  
raõ á Praça: quizerãõ avançar o reducto da Igreja, po-  
rém foy inutil a resoluçaõ, necessitando para o expugnar  
de maiores prevençoens, e juntamente por haver ficado  
pelas casas a maior parte da Infantaria, custando a ambi-  
çaõ a muitos Soldados justamente a vida. Vendo o Com-  
missario geral Francisco Rebello de Almada esta desor-  
dem, intentou com pouco acordo remedealla, metendo  
as Tropas na Villa; excessõ que accrecentou a confusaõ,  
e fez maior o estrago, sendo elle o primeiro que o expe-  
rimentou, cahindo morto de huma bala que lhe deo por  
hum olho, desgraça geralmente sentida, por ser muito  
valeroso, e ter grande pratica do exercicio da Cavallaria,  
que adquirio em muitos annos de assistencia de Flandes:  
o seu corpo fez retirar o Capitaõ de Infantaria Andre de  
Albuquerque por alguns Soldados, que pagáraõ com o  
sangue o dinheiro com que os comprou para este effeito;  
e ainda assim o naõ conseguiraõ, se huma Castelhana tam-  
bem salariada os naõ ajudára, atando-lhe huma corda ao  
pescoço, pela qual lastimosamente o arrastáraõ, recolhen-  
do-o a huma das casas que haviaõ ganhado. Vendo Mar-  
tim Affonso de Mello o pouco effeito, e muito damno  
com que o reducto era atacado, mandou tocar a recolher,  
e Dom Joaõ da Costa, que valerosamente havia assistido  
em todos os lugares de maior perigo, formando dos Sol-  
dados, que pode juntar, hum esquadrãõ fóra da Vil-  
la, recolheo com esta attençaõ áquelle corpo todos os  
que sahiraõ da Villa, e conseguiu evitar-lhes maior dam-  
nos. Incorporados os saõs, e retirados os feridos, mar-  
chou Martim Affonso de Mello para Olivença, custan-  
do-lhe a empresa 30 Soldados que ficáraõ mortos, e mais  
de 60 que trouxe feridos. Os que perderãõ a vida, de  
maior estimaçaõ, foraõ o Commissario geral Francisco  
Rebello de Almada, o Capitaõ de Infantaria Joaõ de  
Seixas Soldado de conhecido valor, o Capitaõ Agostinho  
Pinto, Joaõ Soares de Carvalho Tenente de Joaõ de Sal-  
danha. Feriraõ David Calé Inglez, que depois foy Mes-  
tre de Campo, Gil Vaz Lobo, Ayres de Saldanha  
quan-

quando fobia a trincheira, cahindo-lhe huma grande pedra na cabeça, o obrigou o golpe a perder o sentido: porém tornando depressa em seu acordo, continuou valerosamente a primeira resolução, mostrando-lhe o coração preñado, que he tal a brevidade da vida, que convem lograr depressa o tempo, que acceleradamente nos leva á morte. Francisco Pinto Pereira foy derrubado da trincheira com huma bala. Ficou tambem morto em Valverde Joáo Mendes de Magalhaens, que havia agenceado a empreza, e guiado as Tropas. Pagou ElRey a seus filhos o mericimento de seu pay, fazendo-lhe largas mercês. Confiou que os Castelhanos, perdérao mais de 100 homens, e o despojo do lugar foy muito consideravel. Recolheo-se a Elvas Martim Affonso de Mello com algumas bandeiras, que mandou pendurar na Capella maior da Sé de Elvas, contrapezando este pequeno triunfo, o sentimento de não conseguír entrar o reducto, pela grande desordem dos Soldados. Poucos dias depois deste successo derrotou Aires de Saldanha a Tropa que assistia em Villar d'ElRey, e passando a Elvas, correráo os Castelhanos Campo Maior com as Tropas de Badajoz; achando-se sem poder para a opposição, não quiz o Sargento mór Luiz Alvares abrir as portas da Praça. Impacientes desta advertencia os Soldados, e moradores se lançárao alguns pelas trincheiras fóra, naquelle tempo pouco levantadas: o impulso os apartou dellas, seguindo ao inimigo o espaço que bastou, para que voltando degollasse 30 que justamente padecerao o castigo da desordem, sendo a obediencia a alma do formidavel corpo da guerra. Estas primeiras faiscas, que se não produzirao maior incendio puderao ser desprezadas, como fora causa na Provincia de Alemtejo de hum fogo taõ vivo, como ao diante mostraráo os successos da guerra, por serem fundamento de tanta maquina, sobem a grande preço, merecendo por este respeito a attenção dos Leitores.

Em quanto succedeo na Provincia de Alemtejo no anno de 1641 o que fica referido, não descansárao as armas das outras Provincias. Dos successos de cada huma dellas hirey dando noticia; e esta mesma ordem determi-

Anno  
1641.

*Derrota Aires  
de Saldanha a  
Tropa de Villar  
d'ElRey.*

*Disposição da  
historia.*

Anno  
1641.

*Sucessos de Entre Douro e Minho, de que he Governador das Armas D. Gastão Coutinho.*

no seguir em todos os annos que se continuão, por evitar confusão. Referirey no principio do anno que escrever todos os successos que acontecêraõ na Provincia de Alemtejo, continuarey com os do Minho, seguir-se haõ os de Traz os Montes, e logo os da Beira, accõmodando as materias politicas no lugar onde derem melhor luz á Historia, rematando cada hum dos annos com a noticia da guerra das Conquistas. Seguindo pois esta disposiçaõ passemos a referir os successos da Provincia de Entre Douro e Minho. Logo que ElRey se acclamou elegeo por Governador das Armas desta Provincia a Dom Gastão Coutinho, nomeando-o do feu Contelho de Guerra. Na de Africa se havia exercitado os primeiros annos; depois vindo para Lisboa se embarcou em algumas Armadas, e tinha conseguido em todas as occasioens que se offererecêraõ opiniaõ de muito valeroso. Nos primeiros dias de Janeiro partio de Lisboa, chegou ao Porto, passou logo a Braga, onde se deteve alguns dias, e desta Cidade partio para Viana, Villa a mais Occidental da fronteira de Galiza, e hum dos mais deleitosos lugares de todo o Reino, banhando-a o mar Oceano, e o rio Lima. Os feos moradores ja não ignoravaõ os exercicios militares, nem os assombrava o estrondo da artilharia, ganhando valerosamente aquella Fortaleza aos Castelhanos, como fica referido. Logo que Dom Gastão chegou á fronteira a correo toda de Viana até Melgaço: huma das attenções mais precisas, que deve observar hum Governador das Armas, porque sem grande conhecimento da Provincia que governa, he quasi impossivel acertar as disposiçoens necessarias nas occasioens que se lhe offerecerem. Nesta jornada fez Dom Gastão alistar toda a gente de Entre Douro e Minho: achou muita, e valerosa com poucas armas, e menos disciplina. Elegeo os Officiaes mais praticos, que pôde descobrir, levantou trincheiras a Caminha, Villa Nova de Cerveira, e Valença. Assistindo á Fortificaçaõ da ultima o rodeáraõ algumas balas de artilharia de Tuy, Praça de Armas dos Galegos, que divide de Valença o rio Minho com pouca distancia de huma a outra parte. Os moradores de Salvaterra deraõ principio

*Fortifica as Praças.*

Anno  
1641.

zo rompimento; quizerão impedir huns barcos, que hiaõ para Monção; os moradores desta Villa os defende- raõ conduzindo-os a ella, e estimulados deste excessõ levantáraõ huma plataforma junto ao rio, e pondo nel- la tres peças de artilharia, as dispararaõ com prejuizo das casas de Salvaterra, situaçaõ da outra parte do rio, como em seu lugar diremos. Nestes dias andando em Melgaço rondando as sentinellas junto do rio, o Capitão de Infantaria Francisco de Gouvea Ferraz estimulado de ouvir da outra parte do rio a hum Soldado Galego algu- mas palavras contra o decoro d'ElRey, se lançou impe- tuosamente ao rio, e passando-o a nado, se achou da ou- tra parte sem opposiçaõ, porque o Galego medrozo do seu valor se retirou, antes que elle chegasse, podendo facilmente tomar vingança da sua ousadia, tornou da mes- ma sorte a voltar para Melgaço, e logrou o merecido applauso da sua resoluçaõ. De Janeiro até Julho se passou de huma, e outra parte sem mais empreza, que estes pri- meiros ameaços de guerra; em Julho quando se rompeo a guerra em Alemtejo, conhecendo ElRey que manear as armas só para a defenõa era multiplicar o perigo, e que a paz que desejava, se havia de conseguit fazer guerra, ordenou aos Governadores das Armas de todas as Provincias, que entrassem em Castella. Naõ dilatou D. Gastaõ a obediencia, deo logo ordem a Frey Luiz Coe- lho da Silva, Cavalleiro da Ordem de S. Joaõ, que com a gente de Viana, embarcada em huma galeota, duas lanchas, e alguns barcos, passasse a queimar a Villa da Guarda, situada junto do mar, defronte de Caminha. Mandou a Dom Joaõ de Sousa Capitão mór de Melgaço, que entrasse no mesmo tempo pela Ponte das Varzeas, Antonio Gonçalves de Olivença pelo Porto dos Cavallei- ros, por Lindoso Manoel de Sousa de Abreu, e pela Portella de Homem Vasco de Azevedo Coutinho. Todas estas entradas se executaraõ em Lugares muito distantes huns dos outros, e toda esta gente naõ levava mais dis- posiçaõ, que a do seu valor; porém ignorar os perigos que buscava a fazia mais resoluta, achando a fortuna favo- ravel, que costuma pôr-se da parte dos temerarios. Dom Gastaõ

*Resoluçaõ vale-  
rosa do Capitão  
Francisco de Gou-  
vea.*

*Rompe-se a  
guerra.*



Anno  
1641.

*Governa Galiza o Marquez de Val-Paraiso.*

*Varias entradas de huma, e outra parte,*

Gastaõ passou á Insula pouco distante da Guarda, para observar deste sitio o successo dos Vianezes, de que não resultou mais, que voltarem-se com dous barcos de pescadores. Irritou-se muito Dom Gastaõ deste desconcerto, como se as disposiçoens desta empreza não insinuaraõ o successo della. Na insula mandou Dom Gastaõ levantar hum reducto, parecendo-lhe sitio accommodado, e que necessitava de segurança. Os mais que entraraõ em Castella saqueáraõ, e queimaraõ algumas Aldeas, e trouxeraõ despojo, que os obrigou a se animarem a maiores emprezas. Governava o Reino de Galiza o Marquez de Val-Paraiso. As prevençoens, e disciplina daquella parte não excediaõ muito ás nossas, só havia a differença de se haverem nomeado Officiaes, que entendiaõ a guerra, de que resultava terem os Soldados melhor noticia della. Poucos dias depois de retirada a nossa gente, mandou o Marquez de Val-Paraiso 800 Infantes á Freguezia de Christoval, que he na Raia junto ao rio das Varzeas, queimaraõ algumas Aldeas, sem perdoar o insulto ao sagrado das Igrejas: passaraõ á Freguezia de Paços, que segue a Christoval; acodio D. Joaõ de Sousa, e Francisco de Gouvea, o que havia passado o Minho a nado, e trazendo consigo só 70 homens occuparaõ a passagem do rio, e obrigaraõ os Galegos a que se retirassem perdendo 40. Estas entradas, que pareciaõ mais de bandoleiros, que de Soldados, se alternavaõ de huma, e outra parte com pouca vantagem nos successos. Com a noticia da entrada que os Galegos fizeraõ tornou Dom Gastaõ a convocar a gente que havia dividido, e deo ordem ao Sargento mór Simaõ Pitta, que entrasse em Galiza pela Ponte das Varzeas, e a Manoel de Sousa de Abreu pelo Porto dos Cavalleiros. Simaõ Pitta tendo noticia que o inimigo engrossava por aquella parte o poder, suspendeo a entrada. Manoel de Sousa passou o Porto com tres mil Infantes, e 40 Cavallos, e sabendo que o inimigo occupava o Lugar do Facho, por onde forçosamente havia de passar, mandou avançar Antonio Gonçalves de Olivença com 400 Infantes a desalojar os Galegos, que se achavaõ com 300, e com 150 Cavallos. Investio-os valerosamente Antonio

Anno  
1641.

Antonio Gonçalves, e obrigou-os a se retirarem: porém descompoz esta acção occupando a gente que levava em faquear algumas Aldeas, retirando-se com a preza sem se incorporar com Manoel de Sousa, como elle lhe havia ordenado. Sem embargo desta desordem marchou Manoel de Sousa para o Lugar de Monte Redondo, grande, rico, e fortificado com duas Companhias pagas, e outras da Ordenança, que o Guarneciaõ: chegando ao Lugar mandou avançar as trincheiras pelos Capitaens D. Vasco Coutinho, Christovaõ Mouzinho, e Luiz de Brito, entraraõ-as valerosamente, e queimaraõ o Lugar á custa das vidas de muitos Galegos. A preza, e o exemplo da gente de Antonio Gonçalves inculcou a desordem, porque muitos dos Portuguezes, que sabiaõ as veredas, se retiraraõ para suas casas com os despojos que colheiraõ. Os Galegos que sahirãõ do Lugar occuparaõ a aspreza de hum monte, que era o caminho por onde Manoel de Sousa forçosamente havia de passar. Vendo elle que lhe era necessario vencer esta difficuldade deo ordem a que avançasse toda a gente a desoccupar aquelle sitio, e naõ sabendo melhor disciplina, que a da competencia, disse que aquelle que chegasse primeiro lograria o applauso daquella occasiaõ. O valor de todos dissimulou este desconcerto: porque avançando intrépidos por todas as partes obrigaraõ os Galegos com morte de alguns a largarem o posto. Aos que se retiravaõ se uniraõ outros; que dos Lugares visinhos acodiaõ ao rebate; e chegando ao numero de mil Infantes, e 200 Cavallos se formaraõ em hum valle, mostrando que desejavaõ pelejar. Facilmente lograraõ o intento se Manoel de Sousa se naõ achãra com menos duas partes da gente, que havia levado á empreza. Retirou-se queimando de caminho algumas Aldeas. Dom Gastaõ naõ estimou tanto o bom successo, como sentio a desordem dos que se retiraraõ, e castigando os que tiverãõ culpa, e dando premios aos que procederaõ com acerto foy pouco a pouco reduzindo a melhor fórma a gente daquella Provincia, e ao mesmo passo que ensinava aprendia. Porém

Anno  
1641.

aquelles a que succede terem primeiro Generaes, que Soldados, difficilmente sahem grandes mestres na escola militar.

Dois dias depois do successo referido entrou o inimigo pelo Porto dos Cavalleiros com dois mil Infantes, e trezentos Cavallos, e derrotou os Capitães Antonio de Barros, e Affonso de Castro, que com as suas Companhias pagas guardavaõ aquelle Porto. Vindo-se retirando os soccorreo o Capitão Mathias Ozorio, a que dava calor o Sargento mór Simão Pitta: fizeraõ alto os Galegos com perda de alguns Officiaes, e Soldados; voltáraõ sobre o Conselho de Laboreiro, e o Lugar de Alcobaca, que destruiaraõ, e queimaraõ. A nossa Infantaria se recolheo ao Convento de Fiaens de frades de S. Bernardo, que com esta guarnição ficou livre dos damnos, que os Galegos determinavaõ fazer-lhe, offendidos das muitas intelligencias, que aquelles Religiosos conservavaõ em Galiza, e de não entrarem os Castelhanos o Convento, resultou não destruir o inimigo muitas Freguezias, defendidas pela conservação daquelle sitio. O Marquez de Val-Paraiso considerando com experiencia militar o que mais convinha á defenfa de Galiza, e de que podia resultar maior damno a Portugal, elegeo para Praça de Armas o Lugar de Pedrenda, situado entre o Porto dos Cavalleiros, e a Ponte das Varzeas, Lugares por onde a nossa gente mais continuamente costumava entrar em Galiza. Do Porto, e Ponte, que ficavaõ nos dous lados oppostos, até a Pedrenda em distancia de legoa e meia, fez levantar reductos, conforme a capacidade dos sitios, e taõ vizinhos, que huns a outros se defendiaõ, animando a todos hum grande Forte, que guarneciaõ seiscentos Infantes. Para dar fim a este trabalho, se alojou o Marquez na Pedrenda com seis mil Infantes, e seiscentos Cavallos, entendendo que, aperfeçoada esta obra, seria facil a segurança dos Lugares, que governava, e infallivel a ruina dos que pretendia conquistar. D. Gastaõ tendo avizo deste novo intento do inimigo, reconhecendo o perigo de se conseguir, se resolveo a procurar todos os caminhos de

Fortificaõ os Galegos. Pedrenda.

ANNO

1641.

de o atalhar; e uzando dos meios pouco proporcionados, que naquelle tempo dispenfavaõ a confusaõ, e falta de experiencia, animou com a resoluçaõ a temeridade, ainda que a todos pareceo valor imprudente, de querer atacar fortificaçoens bem fabricadas, e melhor guarnecidas, com hum tropel de gente sem fórma nem obediencia, com poucas muniçoens, e menos bastimentos, e sem mais instrumentos de expugnaçaõ, que duas ligeiras peças de artilharia. Mas como Deos quiz sempre manifestar entre os nossos desconcertos a sua misericordia, naõ argumentem os que sabem os preceitos da guerra, lendo esta historia, a causa das nossas fortunas; tratem só de lhe dar credito, na fé de que em nenhum seculo, e de nenhuma outra naçaõ se escreveo até este tempo historia mais verdadeira; porque sem receyo, sem odio, e sem affeicãõ escrevo em humas partes o que vi, em outras o que observáraõ todos aquelles com que trato, e com quem confiro todas as materias, que escrevo.

Resoluto D. Gastaõ a atacar o Forte, e os Reductos sem artificio nem dissimulaçaõ, convocou a gente de toda a Provincia. Constava a que se havia alistado para ser paga de 4000 homens, porém na disciplina naõ havia differença algũa, porque ainda que algũas Companhias estavaõ formadas, naõ se tinhaõ dividido em Terços, e todo o Corpo junto naõ era mais que hum tumulto de gente valerosa. A maior parte da Infantaria paga entregou Dom Gastaõ á ordem de Lopo Pereira de Lima, Cavalleiro de Malta, a que assistia seu irmaõ Diogo de Mello da mesma Religiaõ, e Capitaõ mór de Barcellos: alojaraõ ambos em Lamas de Mouro, lugar vizinho ao Porto dos Cavalleiros. Com esta noticia apressou o inimigo o trabalho, e em quatro dias reduzio a obra a defensiva. D. Gastaõ com outro Troço alojou na Ponte das Varzeas, e para que o inimigo divertisse o poder, que tinha junto, mandou entrar em Galiza pela Portela de Homem a Valco de Azevedo Coutinho, e por Lindozo a Manoel de Souza de Abreu, ordenando-lhes, que segunda feira nove de Setembro (dia que só destinava para as empresas, posto que na ley Divi-

*Resolve-se Dom  
Gastaõ a atacar  
callos.*

Anno

1641.

*Bate as Fortificações.**Ganha-se tres Reductos.**Entrão Monte-Redondo, e se retirão com desordem.**D. Gastão compeem a gente, e arruina as Fortificações.*

na só se deve fazer caso da providencia de Deos) entrassem em Galiza. No mesmo dia ao amanhecer, havendo o antecedente reconhecido as Fortificações; dividio D. Gastão a Infantaria em tres troços. e levantando huma plataforma, fez jogar as duas peças de artilharia, que levava, contra o Reducto da Ponte das Varzeas; e foraõ de grande effeito, recebendo o inimigo consideravel damno. Os tres troços, que governavaõ Lourenço de Morim Sargento mór de Caminha, e os Capitaens Gaspar Cañado Manoel, e Martim Coelho Vieira, com grande valor, e pouca ordem, superando o embaraço de algumas estacadas, avançaraõ tres Reductos, e os entraraõ a hum mesmo tempo, degollando os Soldados, que os guarneciaõ; e ficando aberto o caminho de Monte-Redondo, que os Galegos haviaõ reparado, se retiraraõ os que fugiraõ para este lugar, que ficava vizinho. Depois de arruinados os Reductos, investiraõ com as trincheiras de Monte-Redondo, desamparou-as o inimigo, entraraõ o lugar, saquearaõ-o segunda vez; e o mesmo fizeraõ a algumas Aldeas, que ficavaõ pouco distantes. Os Galegos acodiraõ áquella parte com tres mil Infantes, e quatrocentos Cavallos, e achando a gente carregada de despojos, avançaraõ com resoluçaõ, e os Soldados da Ordenança, naõ querendo pôr em contingencia o que haviaõ roubado, voltaraõ as costas, naõ valendo a Dom Gastão as grandes diligencias, que fez pelos deter na Ponte. Os Officiaes, e quinhentos Soldados, que ficaraõ, fizeraõ rosto ao inimigo, e valendo-lhes a aspereza do sitio, se vieraõ retirando pelas veredas mais estreitas, e deixando quinze Soldados mortos, e dez prisioneiros, conseguiraõ valerosamente passar a Ponte sem maior damno. Dom Gastão estimulado da desordem, e do máo successo, unindo a esta gente alguma que havia detido, tanto que amanheceo tornou a passar a Ponte, e acabou de desfazer todos os Reductos, e trincheiras: o que se conseguiu com tanta diligencia, que quando os Galegos, que naõ esperavaõ segunda resoluçaõ, acodiraõ, ja os Reductos estavaõ desfeitos, e sem receberem dâno se retiraraõ á sua vista os nossos Soldados. Diogo de Mello, e Lopo Pereira, destinados

Anno  
1641.

contrã os reduçtos do Porto dos Cavalleiros; juntáraõ cinco mil Infantes, e foraõ alojar com elles á vista deste Lugar: o dia que chegáraõ tomou o inimigo lingua, acertou de ser hum velho de 70 annos, ao qual perguntando-lhe o para que fora chamado respondeo, que para o ataque daquellas Fortificaçoens. O Mestre de Campo Antonio Solis Cabo daquelle Troço, tornou a remetter o velho aos Maltezes com huma carta, em que dizia, que aquelle homem fora colhido, e que constando da sua confissão, que era chamado para huma empreza taõ galharda, como a de investir aquellas Fortificaçoens, naõ queria que se mal-lograsse por falta de hum Soldado de tanta importancia, e accrecentava a esta zombaria outras palavras exorbitantes. Teve esta carta resposta com maiores opprobrios, e á seguuda feira executaraõ os Maltezes a ordem de investir o Forte, e reduçtos, que era o mesmo dia em que Dom Gastaõ tinha logrado o successo referido: dividio-se a Infantaria em dois troços, de que eraõ Cabos os dois irmãos: ao que governava Lopo Pereira dava calor seu irmão Antonio Pereira de Lima com 80 Cavallos; marchou este troço pela parte de Alcobaça, e atacou o Forte, e reduçtos do sitio da Costa. Diogo de Mello escolheo para atacar os reduçtos, e Forte da serra, empreza mais duvidosa, por ser o sitio mais aspero, o Forte maior, e os reduçtos melhor defendidos, e ter o inimigo formado da outra parte da serra tres mil Infantes, e 200 Cavallos para defender o assalto, e fomen- tar o presidio. Conhecendo Diogo de Mello o risco desta empreza se unio a seus irmãos, e formou hum corpo de mil Infantes, que entregou ao Sargento mór Simaõ Pitta com ordem que atacasse os reduçtos, que primeiro corriaõ por conta de Lopo Pereira: feita esta divisãõ, com 4000 Infantes, e 80 Cavallos deo volta Diogo de Mello ao Lugar de Chaõ de Castro, e lançando 500 Mosqueteiros por cada hum dos lados da serra, com a mais gente ganhou a eminencia por entre nuvens de balas, e valendo-se do primeiro calor dos Soldados investio hum reduçto, que os Galegos sem esperar o assalto desampararaõ; e favorecidos da mosqueteria dos outros reduçtos se re-

*Diogo de Mello,  
e Lopo Pereira  
atacaõ outros  
Postos.*

Anno  
1641.

*Ganhão os re-  
ductos, e o Forte  
principal.*

colhéraõ ao Forte que estava no alto da serra. Com pou-  
co mais trabalho ganhou Diogo de Mello os outros redu-  
ctos, e seguindo a victoria chegou junto do Forte. A  
grande Guarniçõ que estava nelle, entrando-lhe o re-  
ceio antes de experimentar as feridas, largou o Forte sem  
ter respeito aos Officiaes, que hora com rogos, hora  
com estocadas pretendiaõ detella: mas como ordinaria-  
mente nos grandes conflictos em que se achãõ animos co-  
vardes, o receio excede ao perigo, se deixáraõ os Gale-  
gos matar dos seus Capitaens, por naõ chegar ás mãos  
com os nossos Soldados. Entráraõ elles o Forte, de que re-  
sultáraõ muitas mortes daquelles mesmos, que, se se de-  
fendéraõ, puderaõ salvar as vidas. Os Maltezes tendo  
logrado a victoria, e os Galegos que estavaõ formados,  
desamparando o sitio que occupavaõ, marcháraõ a for-  
mar-se em sitio mais distante. Diogo de Mello com mui-  
to acôrdo mandou tocar a recolher, e com toda a diligen-  
cia marchou a dar calor a Simaõ Pitta, e chegou a tem-  
po, que elle atacava o reducto da Costa, o qual todos  
juntos rendéraõ com a mesma felicidade que os outros re-  
feridos. Faltava só hum, que parecia pelo sitio, e gran-  
deza o mais difficil; porém acháraõ nelle ainda menor re-  
sistencia, porque os Officiaes desamparados dos Soldados,  
se rendéraõ, elegendo antes o cativeiro, que a infamia.  
Entrou nos rendidos o Mestre de Campo Dom Antonio  
Solis, e com galantaria da fortuna foy acaõ o primeiro  
Portuguez, que chegou a elle, o velho, de que havia fei-  
to zombaria. Os Capitaens, e Officiaes que ficáraõ prisio-  
neiros, foraõ 18, dos Soldados se salváraõ a maior par-  
te, valendo-lhes o mato, e aspereza do sitio. Arrazá-  
raõ-se as fortificaçoens, ficáraõ queimadas algumas Al-  
deas, e os Galegos castigados. Recolheo-se Diogo de  
Mello, seus irmãos, e os mais que se acháraõ na empre-  
za com merecida satisfacõ das valerosas acçoens que ha-  
viaõ executado.

*Efeito de ou-  
tras entradas.*

Vasco de Azevedo Coutinho, e Manoel de Sou-  
za de Abreu, que entráraõ (como referimos) na mes-  
ma segunda feira, aquelle pela Portela de Homem, este  
por Lindozo, queimáraõ Vasco de Azevedo a Villa de

Lo

Anno  
1641.

*Ação militar  
do Abade de  
Bouro.*

Lobios, e outros Lugares: Manoel de Sousa a Villa de Compostella, que os Galegos sem utilidade defenderão, fazendo o mesmo a outras Aldeas; e todos se retirarão com tantos despojos, que ficou descontado o trabalho da jornada. Com maior opposição, e não menos airoso successo entrou no mesmo tempo em Galiza o Abade de Bouro da Ordem de S. Bernardo, que havia sido Soldado, e excusava-o de escrupulo, e de escandalo serem os Abades daquelle Convento Capitães môres daquelle Couto, e sendo natural a defenſa, fer para a conseguir a offensa fortiosa; juntou mil homens, entrou em Galiza, e sabendo que o inimigo determinava fazer-lhe opposição com igual poder, disse Missa, pelejou, e venceu, matando com as proprias mãos hum Capitão, e dois Soldados; ficando a opiniaõ menos gravada, que a consciencia. Não teve tão boa fortuna o Capitão Martim Teixeira, o qual entrando na mesma occasião em Galiza o obrigáráõ os Galegos a retirar-se, perdendo hum Alferes, e dez Soldados. Ficou entre os prisioneiros hum moço de 18 annos chamado Luiz da Silva, conheceraõ-o por ser de qualidade, e privilegiaraõ-o deixando-lhe a espada: soube elle uzar do privilegio, e accreditar o sangue, porque entregando-o a quatro Soldados, para que o depositassem na primeira prizaõ do Lugar mais seguro, succedeo que destes caminhaãõ dois com menos diligencia, e vendo Luiz da Silva os outros, que o levavaõ pouco acautelados tirou huma faca, e metendo-a pelos peitos a hum dos dois, com grande ligeireza, e felicidade fez o mesmo ao segundo, cahiraõ ambos, tirou pela espada, investio com os dois, que haviaõ ficado mais desviados, ferio hum, e fez fugir o outro, e occultando-se na espessura do mato, em que era muito pratico, se passou de noite valerosa, e felicemente a Portugal: o Marquez de Val-Paraiso vendo prevalecer a desordem contra a destreza, porque era Soldado velho, e já se compunhaõ as suas Tropas de muitos Officiaes, e Soldados de experiencia, intentou, buscando a satisfacaõ, dissimular a desgraça, passou, sem achar quem se lhe oppuzesse, a Ponte das Varzeas com dois mil Infantes, e 200 Cavallos, sendo o descuido dos Capitaens Martim Teixeira, Francif-

*Valor de Luiz  
da Silva.*



Anno

1641.

O Marquez de  
Val-Paraiço rō  
pe hum quartel.

co de Azevedo, e Francisco de Gouvea total occasiã do infortunio que padeceraõ: porque investindo o inimigo o alojamento, que occupavaõ, o desampararaõ com perda de vinte Soldados, os mais que fugiraõ se retiráraõ a outro alojamento, onde estavaõ os Capitaens Mathias Ozorio, Rodrigo de Moura, e Dom Joaõ de Sousa, que haviaõ acodido de Melgaço, com os quaes se naõ haviaõ querido incorporar o dia antecedente; defordem que occasionou todo o máo successo, porque juntos com 300 Infantes puderaõ defender ao inimigo a Ponte: o qual depois de ganhar o primeiro alojamento marchou para o segundo; naõ esperaraõ os que estavaõ nelle que os investissem, puzeraõ-se em salvo no alto de huma ferra, e desacreditáraõ a opiniaõ de que poderiaõ juntos defender a Ponte; queimáraõ os Galegos os quarteis, e retiraraõ-se sem fazer outro damno. O Inverno fez suspender de huma, e outra parte as hostilidades. Dom Gastaõ Coutinho deixando Guarnecidas as fronteiras se recolheu a Braga a dispôr algumas fabricas, que julgava convenientes para continuar a guerra na Primavera seguinte; atalhou-lhe este intento huma ordem d'ElRey, pela qual o chamava para assistir nas Cortes, que se celebraõ naquelle tempo em Lisboa; entendeo-se que fora pretexto para lhe tirar o Governo de Entre Douro e Minho, attendendo a algumas queixas dos moradores daquella Provincia: naõ voltar ao Governo della foy causa de se naõ desvanecer esta murmuraçaõ: he certo que puõdeã fazer toleravel qualquer excessõ os bons successos que teve, achando a Provincia com taõ poucos meios de conservalla; nomeou tres Governadores em sua ausencia, os quaes ElRey confirmou, e governáraõ a Provincia em quanto naõ chegou a ella o Conde de Castello-Melhor: foraõ elles Manoel Telles, Diogo de Mello Pereira, Viole Datis Francez de Naçaõ, de conhecido valor, e fidelidade.

Chama ElRey  
Dom Gastaõ às  
Cortes.

Provincia de  
Traz os Montes.

A Provincia de Traz os Montes com a primeira noticia da Acclamaçaõ d'ElRey em Lisboa se separou dos Reinos de Galiza, Castella, e Leaõ com quem confina, sem ficar Lugar algum de todo este districto, que naõ tomasse

tomasse as armas, não só para se defender, senão para maltratar aos inimigos; e vendo que se dilatava nomear ElRey Governador das Armas áquella Provincia, mandaraõ as Cômarcas das Cidades, e Villas principaes della pedir a Dom Gastaõ, que havia chegado a Entre Douro e Minho, quizesse signalar-lhes pessoa capaz para os Governar em quanto não chegasse de Lisboa Governador das Armas, a que obedecessem, sendo o seu principal recio Bragança, e Chaves; aquella fronteira da Puebla de Cenabria, esta de Monte-Rey, e ambas por estarem sem defenfa expostas á invasaõ dos Galegos. Não lhes dava menos cuidado a Cidade de Miranda, de grande importancia pelos muitos Lugares que cobria. Elegeo Dom Gastaõ para o Governo de Traz os Montes a Martim Velho da Fonseca Sargento mór de Viana, que tendo valor, e prudencia, era pratico no exercicio da guerra por haver servido em Flandes. Chegou elle a Traz os Montes, e tratou com grande acerto da defenfa dos Lugares mais importantes daquella Provincia, levantou-lhes trincheiras, nomeou-lhes Capitães, e meteo-lhes Guarnições. Tirou o desta acertada occupaçaõ Rodrigo de Figueiredo de Alarcão, que a tres de Fevereiro entrou por ordem d'ElRey a governar aquella Provincia. Havia na aclamaçaõ ostentado largamente a sua fidelidade, e todas as suas acçoens costumava lavrar na confiança do seu valor em varias occasioens acreditado. Entrou em Chaves, e com toda a diligencia dividio em Companhias a gente, que achou na Provincia capaz de tomar armas: repartio-lhe todas as que pode juntar, e nomeou-lhe Officiaes guarnecendo os Lugares mais importantes com a gente menos occupada. Continuou em Chaves, e Bragança o trabalho das trincheiras, e mandou que se levantassem nos Lugares mais arriscados de toda a Raia: passou nestes exercicios até o mez de Julho, tempo em que rompeo a guerra por ordem d'ElRey, como fizeraõ as mais Provincias, pelas causas ja referidas. Em quanto durou a suspençaõ das armas, se restituiraõ algumas prezas, que se fizeraõ de huma, e outra parte. Em Monte-Alegre recebeu Rodrigo de Figueiredo a ordem d'ElRey para romper a guerra,

Annõ

1641,

*Governar as Armas Rodrigo de Figueiredo.*

*Rompe-se a guerra.*

ra,

Anno  
1641.

ra, e com toda a diligencia dispoz logo a execuçaõ: juntou em dois dias dez mil homens, sendo muita a gente daquella Provincia, e naquelle principio faceis de conduzir os animos desejosos de pelejar, appetecendo os Povos a guerra por nova, e ignorada, e por natural affecto dos coraçõens Portuguezes; porque quando lhes faltou no Reino, passaraõ a bulcalla além da Taprobona por mares não conhecidos. Unida a gente, sem uzar de outra disciplina a dividio Rodrigo de Figueiredo em quatro tróços, entregou hum delles a Balthazar Teixeira Capitão mór de Monte Alegre, com ordem que entrasse por aquella parte em Galiza: mandou entrar com outro a Simão Pitta da Ortigueira por Monforte: entregou o terceiro a seu irmão Henrique de Figueiredo Governador de Bragança, mandando-lhe que entrassem por aquelle districto: com o ultimo que constava de 4000 homens marchou Rodrigo de Figueiredo a Monte Rey, aonde ordenou se incorporassem os dous que primeiro havia despedido. Balthazar Teixeira ganhou oito Lugares, achando em dois delles Guarnição que rendeo; e offerecendo-se todos os moradores de ficarem á obediencia d'ElRey de Portugal, passando familia, e fazenda a este Reino, se livraraõ da ruina que os ameaçava. Simão Pitta entrou cinco Lugares, que com igual diligencia tiveraõ a mesma fortuna. Henrique de Figueiredo saqueou o Lugar de Calabor, poz-lhe o fogo, e conduzio grande preza a Bragança. Rodrigo de Figueiredo, levando a vanguarda seu irmão Luiz Gomes de Figueiredo, marchou a Monte-Rey, ganhando primeiro as Villas de Vimbra, e Tamaguelos, que o inimigo havia Guarnecido; não foy grande o dãno, pelo evitar Rodrigo de Figueiredo: chegou elle á vista de Monte-Rey, onde se lhe incorporaraõ Balthazar Teixeira, e Simão Pitta, alojou junto da Villa de Verim, cujo defentavel sitio respeitou a nossa gente: tres dias se deteve no mesmo lugar Rodrigo de Figueiredo, nelle se queimaraõ algumas Aldeas vizinhas, e se perdoou ás novidades maduras, parte nas eiras, na fé da promessa dos Paizanos, que offereceraõ dar obediencia a ElRey Dom Joaõ, que durou o tempo que a nossa gente

*Sujeitão-se alguns Lugares de Galiza.*

*Ganhão-se duas Villas.*

Anno

1641.

te persistiu na campanha. O Marquez de Tarrasona recolheu ao Castello de Monte Rey 200 Infantes pagos, e alguns Paizanos, resolutos a defender aquella sitio, como mais importante, por ser unica segurança da maior parte do Reino de Galiza. Rodrigo de Figueiredo com esta noticia desejou tentar a fortuna investindo o Castello: porém achando-se com poucas munições, sem instrumento algum de expugnação, e acabados os mantimentos, venceu com a prudencia a resolução intempestiva, e satisfeito do que havia conseguido se retirou a Chaves. Ao outro dia depois de haver chegado teve avizo de Bragança, que os Castelhanos haviaõ entrado por aquella parte no termo de Monforte, onde queimáraõ seis Lugares, não perdoando a sacrilegio algum, crueldade, e extorção. Luiz Gomes que havia ficado em Chaves (porque Rodrigo de Figueiredo com a primeira noticia de que o inimigo entrava, passou a Bragança, receando justamente a pouca defensão daquela Cidade) mandou ao Capitão Paulo Teixeira, que juntando a gente que lhe fosse possível marchasse a buscar o inimigo: não foy grande o numero que pôde convocar, mas foy grande a diligencia: tomando lingua soube que o inimigo marchava com 500 Infantes, e 40 Cavallos: achava-se elle com 400 Infantes, resolveo-se a pelejar com tão pouco numero, estimulado da crueldade, que os Castelhanos haviaõ usado nas entradas antecedentes. Marchou a Monte Rey, deo vista do inimigo pouca distancia da Praça; que o esperava formado com as costas em huma Aldea; inferio dos repetidos avizos, que via despedir a Monte Rey, que os Galegos pediaõ soccorro, certo signal do receio, valeo-se da oportunidade, e não querendo que chegasse o soccorro mandou pôr fogo ao Lugar, que servia ao inimigo de retaguarda, para o obrigar a que mudasse de sitio: não logrou o intento entendido dos Galegos, porém superando todas as difficuldades os investio: receberam o com algumas cargas, mas com pouco damno, por tirarem de muito longe, e fugirem depressa; não receberaõ elles grande prejuizo pela vizinhança de Monte Rey, aonde se retiraraõ: queimou a nossa gente o Lugar,

*Queimãõ õs  
Castelhanos  
alguns Lu-  
gares.*

*Queimãõ õs  
nossos outros Lu-  
gares, e retirãõ  
se os Galegos.*

Anno  
1641.

*Balthazar Teixeira ganha Villa Mayor.*

*Ataca o Marquez de Tarazona Villa Verde.*

*Soccorre Luiz Gomes a Villa, retirão-se os Galegos.*

*Desbarata Rodrigo de Figueiredo os Galegos.*

*Ganha Tamaguelos.*

gar, onde estava o inimigo: experimentáraõ nove mais a mesma desgraça, padecendo os moradores o mesmo damno, que nas entradas antecedentes os Galegos haviaõ occasionado aos nossos Lugares. De huma, e outra parte se repetiaõ as entradas, Balthazar Teixeira com a gente de Monte Alegre queimou seis Lugares; vindo-se retirando, teve avizo que o inimigo havia entrado em Portugal, pouca distancia daquelle sitio: resolutõ a pelear marchou contra os Galegos; procuraraõ elles retirar-se, e deraõ-se por seguros em Villa Mayor de Girona, que haviaõ fortificado com trincheiras muito capazes de defenfa. Era a Villa grande, e rica, porque constavaõ os fogos de trezentos, e assistia nella guarniçaõ de Infantaria paga. Venceo Balthazar Teixeira todas estas difficuldades, investio a Villa, rendeo-a, e poz-lhe o fogo á custa de muitas vidas dos inimigos; retirou-se a Monforte trazendo alguns feridos, e hum Soldado menos. O Marquez de Tarazona entrou no mesmo tempo no termo de Chaves, e marchou para Villa Verde com 2000 Infantes, e 130 Cavallos: teve Luiz Gomes avizo em Outeiro secco, Lugar aonde havia chegado com o primeiro rebate, e achando-se com 2000 homens se resolveo a soccorrer Villa Verde: chegou a tempo que os Galegos atacavaõ o Lugar, e era com valor defendido; entrou dentro sem opposiçaõ, desmaiaraõ os Galegos vendo este naõ imaginado soccorro, retiraraõ-se, seguiu-os Luiz Gomes, e obrigou-os a se recolherem aos seus Lugares com grande perda, fazendo elle o mesmo aos nossos com muita opiniaõ.

Rodrigo de Figueiredo attendendo a todos os interesses da Provincia, se resolveo a desmantelar Villarelho, por ficar na Raia exposto sem remedio á invasaõ do inimigo; executou esta determinação com 2000 homens, e porque os Galegos tiveraõ anticipadamente noticia della, se resolveraõ a esperallo quando voltasse: conseguiraõ-o em desgraça sua; deraõ vista da nossa gente, atacaraõ-a com furia, foraõ rebatidos com valor, e desbaratados sem resistencia. Rodrigo de Figueiredo naõ só seguiu os que fugiaõ, mas proseguindo a victoria

etoria

Anno  
1641.

Storia ganhou Tamaguelos, Lugar em que na primeira entrada havia estado sem lhe fazer damno, e que o inimigo havia fortificado, elegendo-o para alojamento de hum Troço de Cavallaria, e Infantaria, e molestava muito os nossos Lugares: retirou-se Rodrigo de Figueiredo para Chaves, trazendo os Soldados ricos, e victoriosos. Passados poucos dias entrou o inimigo pela parte da Torre de Ervededo, houve noticia em Chaves, sahio desta Praça Rodrigo de Figueiredo, e Luiz Gomes seu irmão com a gente que puderão juntar, mas quando chegaram ja o inimigo havia queimado a Torre. Adiantou-se Luiz Gomes, e encontrando no caminho os Paizanos que haviaõ escapado marchou com elles a soccorrer Outeiro seco: porém dando vista delle a gente do inimigo, lhe foy necessario para se defender ganhar huma terra, que achou visinha, a qual occupou com taõ bom successo, que os Galegos depois de a avançarem varias vezes, dissuadidos da empreza se retiraraõ: o mesmo fez Luiz Gomes, e Rodrigo de Figueiredo, com quem se incorporou logo. Era huma empreza consequencia de outra: retirado o inimigo entrou Balthazar Teixeira por Monte Alegre, e queimou tres Lugares grandes, e ricos. Logo os Galegos procuraraõ a vingança, entraraõ o dia seguinte, e atacaraõ o Lugar de Mairos, defenderaõ-se os moradores, ouvio-se a mosquetaria em os nossos Lugares, e acodiraõ com diligencia, mas ja a tempo que o Lugar era entrado, e começava a atear-se o fogo, extinguiraõ-o os nossos Soldados, e seguindo o inimigo, que logo se poz em marcha, alcançando-o dentro dos seus Lugares, lhe mataraõ hum Capitão de Cavallos, hum Sargento mór, e quarenta Soldados, em que entrava hum sobrinho do Marquez de Tarrasona. Rodrigo de Figueiredo quando despedio o soccorro a Mairos marchou sobre Monte Rey, para evitar que os Galegos soccorressem a sua gente: alojou em hum monte á vista da Praça, onde chegou tambem Balthazar Teixeira; sahiraõ de Monte Rey alguns Cavallos, travou-se huma escaramuça, que durou até a noute com pouco damno de huma, e outra parte. Ao amanhecer marchou Luiz Gomes, e Balthazar

*Continuaõ-se  
as entradas cõ  
varios successos.*

Anno  
1641.

zar Teixeira para a Villa de Uimbra, seguio-os Rodrigo de Figueiredo com o resto, era todo o numero tres mil infantas, e 60 Cavallos, e levava duas peças de artilharia; porém disputava se entre huma, e outra Nação, e contendia-se sem fórma, sem arte, e sem disciplina. Chegando a Uimbra os que hiaõ avançados acháraõ 200 Cavallos fóra da Villa: era ella grande, com boas trincheiras, e melhor Guarnição: a Cavallaria sustentou a escaramuça em quanto não chegou Rodrigo de Figueiredo, o qual fazendo jogar as duas peças de artilharia, de que receberaõ os Galegos damno, carregando-os juntamente com resolução, os fez retirar a Monte-Rey, desamparando o sitio em que estavaõ. Entraraõ os nossos Soldados sem difficuldade Uimbra, o mesmo fizeraõ no Lugar do Rosal, e ambos foraõ alimento do fogo. Passou Rodrigo de Figueiredo a queimar Moura, Lugar grande, e rico, que fica da outra parte do rio Tamaga meia legua de Monte-Rey. O Marquez de Tarrasona estava formado entre Verim, e Monte-Rey á vista da nossa gente; resolução que pudera justamente divertir a empreza: porém os successos da guerra compoem-se de tantas variedades, que he util muitas vezes ignorar os perigos para conseguir as victorias. Passou Luiz Gomes o rio com os sessenta Cavallos ao calor das duas peças de artilharia, seguio o Balthazar Teixeira, avançou o inimigo algumas Tropas, que foraõ rebatidas, e desprezando-se as muitas balas de artilharia; que de Monte-Rey se disparavaõ, as quaes ainda que tiradas por elevação cahiraõ sem prejuizo entre os Soldados; passou toda a gente da outra parte do rio á vista dos Galegos: foy o Lugar queimado, e saqueado, e tornou Rodrigo de Figueiredo sem opposição a passar o rio, alojando aquella noite no mesmo lugar, em que havia estado a antecedente. Amanheceo, e dividio a gente em tres Tróços: entregou hum a Luiz Gomes, para que entrando pela parte fronteira a Monforte, fizesse nos Lugares do inimigo o prejuizo que lhe fosse possível, o que elle executou com grande damno daquelle districto: outro deu a Balthazar Teixeira, ordenando-lhe que fosse queimar o Lugar de Medeiros, fronteiro

Anno  
1641.

teiro a Monte-Alegre; e com o terceiro ficou fazendo cara a Monte-Rey, para divertir os soccorros. Não era o grosso muito consideravel; porém a pouca resolução dos Galegos disculpava qualquer temeridade. Marchou Balthazar Teixeira a atacar Medeiros levando pouco mais de mil Infantes: era o Lugar grande, cercado de trincheiras, e guarnecido com 700 homens. O costume de vencer alhanou a difficuldade da empreza, investio o Lugar, entrou-o, e rendeo-o, ficando mortos muitos dos defensores, retirando-se a Monte-Alegre, e Rodrigo de Figueiredo a Chaves.

Buscavaõ os Galegos, e Castelhanos, (Reinos com que confina Traz os Montes) todos os caminhos de satisfazer os repetidos damnos, que haviaõ experimentado. Assistiaõ nos Lugares de que eraõ Senhores naquelle districto o Marquez de Alcanices, e o Conde de Alva de Liste; constou-lhes por noticia de huma espia, que marchavaõ seis peças de artilharia, e algumas muniçoens de Lisboa para Miranda, e que levavaõ taõ pouca gente de Comboy, que seria facil derrotalla, e tomar a artilharia. Persuadidos desta informaçãõ juntaraõ 2000 homens, e em seis de Outubro marcharaõ ao Lugar de Duas Igrejas, por onde affirmava o espia que o Comboy havia de passar: desvaneceu-se o intento sendo descoberto o trato, e detido o Comboy, Com esta noticia entrou o inimigo o Lugar de Duas Igrejas, e queimou outras Aldeas. Era Pedro de Mello Capitãõ mór de Miranda; tanto que teve avizo de que o inimigo juntava gente para entrar naquella Provincia, pediu soccorro a Francisco de Sampaio, que governava os seos, e outros Lugares na Torre de Moncorvo: sem dilaçãõ lhe mandou 1500 homens, e por Cabo delles Domingos de Andrade Correa. Havia passado de Chaves a Bragança Rodrigo de Figueiredo, onde recebeo avizo de Pedro de Mello de que o inimigo entrava, e ja sabia o intento pela confissãõ do espia, que prendeo, o qual pagou com a vida a traiçãõ que havia feito: tanto que Rodrigo de Figueiredo chegou a Bragança, receando o pouco presidio de Miranda, lhe man-



Anno  
1641.

mandou cem Infantes, que foraõ os primeiros que chegarã do Mogadouro, nobre Villa entre outras muitas, que tem naquella Provincia o Conde de S. Joã. Despachou correios a todos os Lugares daquella parte, ordenando aos Capitaens môres, que juntando o maior numero de gente, que lhes fosse possivel marchassem para o Lugar de Argufello, Termo da Villa de Outeiro, onde achariaõ a ordem, que haviaõ de seguir. Para este mesmo Lugar mandou a Henrique de Figueiredo com a sua Companhia, e duas da Ordenança, ordenando-lhe que unindo toda a gente que chegasse áquelle sitio, que era o mais proprio para defender todos os Lugares de maior consequencia, que ficavaõ daquella parte, observando os movimentos do inimigo acodisse aonde julgasse que era mais util a sua assistencia. Logo que Henrique de Figueiredo chegou a Argufello teve noticia que o inimigo marchava para a Villa do Vimioso, avizou seu irmaõ, e acodio áquelle parte. O mesmo fez Rodrigo de Figueiredo, mandando primeiro, que partisse ordem a Pedro de Mello, para que viesse incorporar-se com elle no Lugar da Especiõsa, que ficava na Raia junto do Vimioso. Chegaraõ todos quasi á mesma hora, e tomando lingua souberaõ, que o Conde de Alva de Lize, e o Marquez de Alcanices se haviaõ retirado a conduzir novos soccorros com tençaõ de continuar a guerra, e que haviaõ fortificado o Lugar de Brandilhaens, situado na Raia, deixando-lhe seiscentos Infantes pagos de Guarniçaõ, com intento de entrar por aquella parte, facilitando em qualquer empenho a retirada. Considerava-se grande o risco de Miranda, aperfeiçoada esta obra: porque estando com pouca Guarniçaõ, e peor defenfa, e naõ havendo meios para fazer as fortificaçoens capazes, e duraveis os presidios ficavaõ evidentes os discursos de que se encaminhavaõ contra esta Cidade as disposiçoens do inimigo. Nesta consideraçã se resolveo Rodrigo de Figueiredo a destruir o alicerse para arguiaar o edificio, e se livrar do cuidado futuro con-  
seguindo

Annõ  
1641.

*Ganha-se Brã  
dilhaens fortifi-  
cado.*

seguindo a resoluçãõ presente. Marchou com cinco mil homens a atacar Brandilhaens, e como as disposiçoens gastavaõ pouco tempo, por levar cada Soldado a ordem no seu alvedrio, e a fortuna no seu valor, resolutamente atacaraõ huns as trincheiras do Lugar ja levantadas, outros hum Reducto ainda naõ perfeito, e todos rompendo a opposiçaõ dos Castelhanos, entraraõ o Lugar, forçaraõ o Reducto, e degollaraõ parte da Guarniçaõ. Foraõ os que primeiro deraõ exemplo aos mais, os Capitaens Henrique de Figueiredo, Gregorio de Escobar, Antonio de Almeida, e Francisco Pacheco. Rodrigo de Figueiredo valerosamente desprezando as balas, animou a todos, e religiosamente respeitou a Igreja, naõ consentindo que se lhe puzesse o fogo, à qual Pedro de Mello havia levado as portas, e defendendo-se os inimigos na Torre os obrigou a se renderem. Ficaraõ prisioneiros seis Capitaens, tres Alferes, quatro Sargentos, e duzentos e oitenta Soldados; custou a empresa quinze Soldados nossos, e retiraraõ-se vinte e cinco feridos, os despojos do Lugar fizeraõ aos Soldados mais suave o trabalho da victoria. Recolheo-se Rodrigo de Figueiredo a Bragança, remetteo os prisioneiros a Lisboa, e o rigor do Inverno fez descançar as armas alguns mezes, que gastou ultimamente Rodrigo de Figueiredo dispondo com toda a attençãõ a defenja da Provincia.

*D. Alvaro de  
Abranches go-  
verna a Beira.*

Tocou o governo da Provincia da Beira a Dom Alvaro de Abranches, o qual depois de acclamar ElRey, e tomar posse do Castello de Lisboa, foy nomeado do Conselho de Guerra. Havia passado á restauraçãõ da Bahia por Capitaõ de Infantaria, e tinha-se embarcado em algumas Armadas, que corraõ a Costa: quando ElRey se acclamou estava nomeado por ElRey de Castella para Governador de Mazagaõ. As poucas occasioens, que teve no governo da Beira, deixou quasi em silencio o pouco tempo, que assistio nesta Provincia a primeira vez, que foy a ella. Partio de Lisboa os ultimos de Janeiro de 1641, chegou a Coimbra acompanhado de Joaõ de Saldanha de Scusa, o qual havia exercitado os

Anno  
1641.

*Corre a Pro-  
vincia, dispoem  
a defenja.*

primeiros annos da sua idade na guerra de Africa em Mazagaõ, primeira grammatica dos moços daquelle tempo. Levava tambem Dom Alvaro por Tenente de Mestre de Campo General a Manoel Lopes Brandaõ, quatro Sargentos mões, e doze Capitaens de Infantaria todos de conhecido valor. Passou de Coimbra a Viseo, desta Cidade aos mais Lugares da Provincia, dando nelles ordem ás levas necessarias de Cavallaria, e Infantaria. Dispoz a fortificaçaõ de Pinhel, e mandou alguma gente para Almeida, a mais importante Praça daquella Provincia, por cobrir grande parte dos Lugares abertos, e por ficar muito vizinha da Raia do Reino de Leão. Era Capitaõ mór de Almeida Dom Francisco de Lemos Ramiro, que com muito cuidado se prevenio para a defender. Correo Dom Alvaro de Abranches toda a Provincia; em Almeida se deteve alguns dias a dar principio á fortificaçaõ, que deixou encomendada a Rodrigo Soares Pantoja; passou a Castello Rodrigo, tres legoas distante de Almeida; poucos dias, depois de haver chegado, teve avizo que o inimigo juntava gente, e fez com toda a brevidade a mesma diligencia. Governava as Armas do partido contrario o Duque de Alva, o qual sabendo a prevençaõ de Dom Alvaro de Abranches, a que elle não havia dado motivo, porque só havia unido algumas Companhias, para retirar os Galegos, e derribar os moinhos do rio Touroens; prevenio os Lugares vizinhos da Raia: porém não pode divertir o receio dos moradores de Cidade Rodrigo, Praça de Armas daquella Provincia, porque quasi todos a desamparáraõ, passando-se a Salamanca. Dom Alvaro de Abranches constando-lhe a causa, porque o Duque de Alva havia chamado aquellas Companhias, despedio a gente, que tinha junto, sendo todo o seu desejo conservar a suspençaõ de armas. Chegou-lhe em Julho ordem d'El Rey para romper a guerra, como nas outras Provincias se havia executado: porém elle considerando que era o damno infallivel, e a utilidade contingente, não alterou o estylo proposto. Esta prudencia foy mal discursada, ajudando a condem-

*o Duque de Al-  
va se prepara.*

nalla

nalla os bons successos das outras Provincias ; porque como a temeridade andava valida da fortuna , e as felicidades costumão coroar as acçoens , sem se disputar a razaõ ou desordem com que se conseguiraõ , culpavaõ os pouco acautelados a Dom Alvaro de Abranches o focego , como se na guerra naõ fora o beneficio do tempo o melhor soccorro. Na confiança desta sua resolução se cultivavaõ sem prejuizo as terras de huma , e outra parte , achando-se os Castelhanos com taõ pouco poder , que avaliavaõ por fortuna naõ se romper a guerra. Hum accidente esteve para descompor esta boa correspondencia , mas teve facil remedio , porque caminhavaõ a hum mesmo fim as ideas de ambas as partes.

Veio ter o Estio á Villa de Naves frias , tres legoas de Alfaiates , Dom Thomaz de Oria , filho do Duque de Turs , e Reitor da Universidade de Salamanca. Sahindo hum dia á caça , encontrou hum Paizano Portuguez , que sem causa levou prisioneiro. Teve aviso deste successo Braz Garcia Mascarenhas , Capitaõ de Alfaiates , deo conta a Dom Alvaro de Abranches , o qual parecendo-lhe preciso mostrar , que naõ nascia de temor a suspensãõ da guerra , ordenou a Braz Garcia , que procurasse a satisfacãõ deste aggravo na pessoa de Dom Thomaz de Oria , declarando-lhe que naõ fizesse damno a outra alguma pessoa. Com esta ordem sahio Braz Garcia huma noite de Alfaiates com cento e trinta Infantes : antes de amanhecer chegou a Naves frias sem ser sentido , e informado da casa de Dom Thomaz a rodeou de Mosqueteiros. Inquietaraõ-se os moradores com sobressalto taõ repentino , porém Braz Garcia , dando-lhes palavra de os naõ molestar , os livrou do receio. Fez logo derribar as portas da casa de Dom Thomaz , entrou dentro , mas naõ conseguiu prendello , porque sentindo o rebate , se lançou por huma janella , e ferido levemente de huma bala escapou em hum mato vizinho da Villa : ficaraõ prisioneiros quatro criados seus , e Dom Cesar Lencabechia seu primo , com quem se enganaraõ os nossos Soldados , presumindo que era Dom

Anno  
1641.

*D. Thomaz de  
Oria prende hũ  
Paizano.*

*Braz Garcia  
Mascarenhas  
intenta pren-  
dello.*

Anno  
1641.

*Manda o Duque de Alva restituir huma preza.*

*Retira se D. Alvaro de Abranches, e governa Joao de Saldanha.*

Thomaz. Foy remettido a Lisboa, e teve industria para fugir da prizaõ. Braz Garcia Mascarenhas fez guardar taõ pontualmente aos Soldados a ordem, que levava, que até perdoáraõ á prata, que havia em casa de Dom Thomaz, e soltando o Paizano prisioneiro, se retirár-õ para Alfaiates. Passados alguns dias levarãõ os Castelhanos huma grande preza da Aldea da Ponte, huma legoa de Alfaiates. Logo que D. Alvaro de Abranches recebeu o avizo, ordenou a Braz Garcia Mascarenhas, que procurasse a recompensa. Era elle activo, e resolutõ, juntou gente com grande pressa: porẽm quando estava para marchar, chegou hum volantim do Governador de Guinaldo com toda a preza, que se havia levado, dizendo, que o Duque de Alva mandava restituilla, e dinheiro para pagar as rezes, que faltassem. Eraõ só cinco, que o volantim pagou; e com o gado, e esta satisfacãõ se retirou Braz Garcia Mascarenhas para Alfaiates, e ficãraõ as Provincias no socego antecedente. Em Setembro abrio Dom Alvaro de Abranches com ordem d'ElRey Alfandega em Salvaterra: porẽm experimentando-se que resultavaõ alguns inconvenientes da communicacãõ dos Castelhanos, se tornou a cerrar. Em Novembro pediu Dom Alvaro licença a ElRey para se passar a Lisboa a se curar de alguns achaques, que padecia: concedeo-lha, e deixou a Provincia entregue ao Tenente General da Cavallaria Joao de Saldanha, o qual a governou tres mezes com grande aceitacãõ de toda ella, fazendo trabalhar nas Fortificaçoens, que elle mesmo com grande sciencia defenhava. Armou os Soldados de Cavallo de carabinas, e pistoias, de que careciaõ, fazendo adestrallos com exercicios continuos: conseguia varias, e uteis intelligencias em Castella; e querendo os Castelhanos interprender Frexo de Espada á cinta, teve taõ anticipado avizo, que prevenio Francisco de Sampaio, por cuja conta corria este Lugar, o qual dobrando-lhe a Guarniçaõ, fez desvanecer este intento. O tempo, que durou a Joao de Saldanha o governo, foy taõ aspero por ser no rigor do Inverno, que naõ teve occasiãõ de intentar empreza alguma. No fim

fim de Dezembro soube que o Duque de Alva fazia algumas prevençoens, segurou todos os Lugares arriscados, e ficou a Provincia socegada até Março do anno seguinte, tempo em que chegou a governalla Fernão Telles de Menezes, como em seu lugar referiremos.

Anno  
1641.



1047  
A 1047

THE HISTORY OF THE  
LIFE OF  
THE  
LORD



1047  
A 1047



HISTORIA  
DE  
PORTUGAL  
RESTAURADO.  
LIVRO V.

SUMMARIO.



*LEGE* El Rey Ministros para decidir os negocios de maior importancia. Concede licença á Duqueza de Mantua para voltar a Castella. Conspiração contra El Rey: descobre-se: prendem-se os cumplices, e confessado o delicto são castigados os de maiores culpas. Chega a Lisboa a Armada de França. Une-se com a Armada d'El Rey: navegaõ antes de chegar a de Hollanda, e todas se separaõ com pouco effeito. Tomaõ os Hollandezes Angola, S. Thomé, e Maranhão. Dispoem-se os moradores a restaurar esta perda. Na India se perde Malaca, e soccorre-se Ceilaõ. Chega a Lisboa a nova dos máos successos das



Anno  
1641.

*Conquistas, e deixa ElRey navegar livre para Hollanda a Armada dos Estados, que estava jurta no porto de Lisboa. Sabe Tristaõ de Mendoça com ella: perde-se em huma tormenta.*

**N**O labyrintho de Ideas: muito differentes das aquellas, que placidamente tantos annos cultivava, pallava ElRey Dom Joaõ de hum cuidado a outro cuidado no principio do seu Governo: e ainda que a felicidade com que havia tomado posse do seu Reino, era para o coração efficaz epitome, como o combatiaõ tantas Ideas, se não desfalecia, não sarava. Havia roto a guerra com poucos Capitaens experimentados, e menos Soldados veteranos; o Reino quasi exhausto de dinheiro, muniçoens, e armas, contra hum Rey taõ poderoso, que abundava de tudo o de que elle carecia. Era-lhe necellario não se fiar de todos, nem mostrar que desconfiava de alguns de seus Vassallos; attençaõ de que muitas vezes lhe resultava seguir o parecer dos indiscretos por confidentes, outras dos mal affectos por entendidos, e como interiormente por huma, e outra causa desconfiava ou destes ou daquelles, e as experiencias eraõ taõ poucas, confundiaõ-se as resoluçoens, e desencaminhavaõ-se muitos negocios: porẽm na consideraçaõ dos dilatados annos em que outros exercicios fizeraõ habito na natureza d'ElRey, assistindo em Villa Viçosa a todos os acertos politicos, que manãraõ de seu Governo. saõ dignos de louvor, e nenhum erro merece ser condemnado, porque abraçou muito generosa empreza, e grangearaõ todas as suas acçoens immortal memoria. As materias mais importantes da Monarquia consultava com a Rainha Dona Luiza, porque reconhecia no seu discurso soberana intelligencia, e era o seu peito o centro do segredo: virtudes que tendo por base hum espirito varonil, que transluzia pelo veo de hum Regio semblante muito decorosamente agradavel a collocação viva na estimaçaõ de todo o mundo, morta entre as luzes da melhor esfera: porque combatida das calumnias, e apurada nos infortunios soube reinar para vencer

cer, e vencer para reinar, como a seu tempo largamente referirá a segunda parte desta historia. Francisco de Luce-  
na Secretario de Estado era dos Ministros de que El Rey  
fazia merecida estimaçãõ: porque além de muitas noti-  
cias, e de grandes experiencias, lograva entendimento  
sagaz, e sagacidade que foy mais util para as materias da-  
quelle tempo, que proveitosa para a sua conservaçãõ.  
De Antonio Paes Viegas, antigo, e fidelissimo Secreta-  
tario da Casa de Bragança, fiava El Rey os maiores nego-  
cios; e porque era impedido da gota, o mandava levar  
ao Paço em huma cadeira. Com entendimento, e zelo  
aconselhava a El Rey, e lhe inculcava para os Postos os  
sogeitos de maior capacidade. Estes eraõ os que familiar-  
mente tratavaõ com El Rey. Entre os mais preferia com  
grande acerto o Arcebispo de Lisboa, e o Capellaõ mór  
Dom Alvaro da Costa: neste sobrava a destreza, naquel-  
le a sinceridade. Tambem favorecia El Rey ao Visconde  
Dom Lourenço de Lima, a Dom Manoel da Cunha Bis-  
po de Elvas, e a Joãõ Rodrigues de Sá Conde de Pena-  
guiaõ seu Camereiro mór. Outros se foraõ introduzindo;  
de que se dará noticia em seu lugar. A mudança do gover-  
no havia gerado no corpo da Republica diferentes humo-  
res, os quaes combatendo a natureza dos negocios, ho-  
ra os bons a fortaleciaõ, hora os máos a debilitavaõ, di-  
vertio El Rey estes lastimosamente com a descarga do san-  
gue, corroborou aquelles com a igualdade do alimento:  
mas foraõ taõ custosos os meios de chegar ao fim da saude  
pertendida, que merece a narraçãõ delles observaçãõ par-  
ticular.

Retirada no dia da acclamaçãõ d'El Rey para os  
Paços de Xabregas a Princeza Dona Margarida de Austria  
Duqueza de Mantua, que governava estes Reinos, a  
passáraõ para o Convento de Santos, como fica referido,  
entendendo-se que ficava naquelle sitio com menos sus-  
peitas de fomentar os animos duvidosos, e segurar os que  
seguaõ a facçãõ de Castella; porque estando alojados no  
mesmo Paço o Marquez de la Puebla, e o Corde Baine-  
to Cavalhariço maior da Duqueza cresciaõ as presun-  
ções de se communicarem com muitas pessoas em grande  
pre;

Anno

1641.

*Ministros de q̃  
El Rey fazia  
mais confiança.*

Anno

1641.

*Discursos acer-  
ca da Duqueza  
de Mantua.*

prejuizo do novo governo; porém com toda esta cautela não cessáraõ as persuasoens, de que a assistencia da Duqueza era perigosa confiança dos sequazes de Castella. Discursavaõ alguns Ministros, que a Duqueza não servia em Portugal mais que de inquietar os animos, e fomentar sedicoens, e que se fazia com o seu sustento consideravel dispeza: por cujos respeitos convinha buscar meio, para que ella fosse quem pedisse licença para passar a Castella, insinuando-lhe, que se lhe não havia de negar, e que com a sua liberdade se conseguiria soltarem em Castella alguns Portuguezes, que estavaõ prezos com grande molestia. Davaõ por author desta pratica a Francisco de Lucena, dizendo-lhe, que por este respeito que-ria grangear a liberdade de seu filho prezo com aperto em Madrid; e não eraõ os que faziaõ este discurso mãos para testemunhas da sua defeza, quando depois o prenderaõ: porque estando elle ganhado por Castella, não necessitava de industria para a liberdade de seu filho. Os que encontravaõ a opiniaõ de se mandar a Duqueza para Castella diziaõ, que perdiamos o maior penhor da liberdade do Infante Dom Duarte; porque ElRey de Castella, quando não fosse mais que por reputaçãõ, como constava de varias cartas do Infante escritas a ElRey, lhe convinha procurar ver livre da prizaõ, que padecia por seu respeito, a Duqueza de Mantua, pessoa em quem concorriaõ todas as prerogativas de grandeza; e que estando ella dentro do Convento de Santos, facilmente se lhe poderia evitar a communicaçãõ de Castelhanos, e Portuguezes; e quanto ao dispendio, não era razãõ, que lembrasse, estando de permeio consideraçoens de tantas consequencias. Esta variedade de opinioens fazia duvidar a ElRey da resoluçãõ, que havia de tomar nesta materia: porém succedendo, sem ser necessario outra diligencia, mandar a Duqueza pedir a ElRey com grande instancia licença para passar a Madrid, e achando a Rainha por medianeira da sua liberdade, ou por compaixãõ, ou por politica, veio ElRey a tomar a resoluçãõ menos conveniente, que foy a de lhe conceder a licença, que pedia, e juntamente de poder mandar a Madrid Dom Pedro da Mo-

*Concede ElRey  
licença a Du-  
queza.*

Anno

1641.

ta Sarmiento, seu Mordomo, que levou cartas abertas da Duqueza para El Rey Catholico, e para o Conde de Olivares, que continhão noticia da liberdade, que se lhe permittia. Porém antes que voltasse resposta destas cartas, se descobrirão as conpiraçoens contra El Rey, de que logo daremos noticia; successo, que esfoiçou a opiniaõ de mandar a Duqueza para Castella, avaliando-a por authora de todas as revoluçoens. Assentada esta determinação, mandou El Rey dizer á Duqueza, que se prevenisse para passar a Madrid: replicou ella, dizendo, que partiria quando lhe chegasse resposta da carta, que havia escrito a El Rey Catholico. A repugnancia a fez mais suspeitosa com os que fomentavaõ a sua jornada, dos quaes persuadido El Rey, lhe ordenou, que sem replica se prevenisse para partir. Obedeceo a Duqueza, e partio com a sua familia acompanhada de Luiz Gomes de Basto, Corregedor do Crime de Lisboa, e do Juiz do Crime, Simaõ de Oliveira da Costa. Chegou a Elvas, e achou duas legoas da Cidade, que a aguardava Martim Affonso de Mello, Governador das Armas, com a Cavallaria, Officiaes, e pessoas particulares, que se achavaõ naquella Praça. Naõ lhes fez a differença do tempo mudar de estylo, tratando a Duqueza com o mesmo respeito, e cerimonia, que lhe rendiaõ quando governava. Instou ella, pedindo que se cobrissem quando lhe falavaõ, naõ conseguiu mudança com o seu rogo, muito á satisfacção do seu levantado espirito, que se naõ havia abatido com os infortunios. Apeou-se no Convento dos Religiosos de Saõ Paulo fóra dos muros de Elvas, onde lhe preveniraõ aposento, naõ se fiando de hospedes taõ suspeitosos: porém a ostentação, e os regalos dissimuláraõ a desconfiança. No dia seguinte chegou a Elvas o Ouvidor de Villa Viçosa com ordem d'El Rey para examinar o fato da Duqueza. Executou-se contra o parecer de Martim Affonso de Mello, e achando-se que levava muito pouco cabedal, principal causa (como se entendo) daquella diligencia, ficou esta acção mais defairosa. Quiz a Duqueza reservar huns papeis, que disse serem cartas do Pontifice, d'El Rey Catholico, e de seu marido; instou o Ouvidor indiscretamente que

Parte a Duqueza.

era

Anno  
1641.

era preciso examinallas, to nou ella rompellas por expediente, e entregou-as a hum criado seu, dizendo, que as queimasse. Offendeu a todos, os que assistiaõ, o excessõ do Ouvidor, e ElRey sabendo-o se deo por mal servido, e peor aconselhado em o mandar áquella diligencia. Despedio a Duqueza hum criado a Badajoz a negociar com o Conde de Monte-Rey as bagagens necessarias para o seu fato: ajustou-se que na ponte de Caia se mudasse das em que hia de Portugal para as de Castella. Partio a Duqueza, e querendo os dous Ministros de justiça que a acompanhavaõ, que o seu fato pagasse direitos na Alfandega, o não consentio Martim Affonso de Mello, e se obrigou elle, e Dom Joaõ da Costa á satisfacão do diaheiro que importasse: porẽm ElRey ordenou que se não falasse nesta materia. A Duqueza partio para Badajoz acompanhada de Martim Affonso de Mello, e de todos os mais que se acháraõ naquella parte, cessando por aquelle dia as hostilidades da Campanha. Despedio-se a Duqueza mais obrigada da cortezia dos Soldados, que do trato dos Cortezãos, não deixando em Portugal queixosos do seu governo; porque com grande entendimento, e generosidade havia encontrado as desordens, e insultos dos Ministros de Castella.

Apreffou a jornada da Duqueza de Mantua, (como ja dissemos) descobrir ElRey a conspiraçã dos que intentavaõ tirar-lhe a vida, e ao Reino a liberdade. Não era de todo averiguada esta materia, quando ElRey se resolveo a mandalla, e com as primeiras luzes della entendeu ElRey, que a assistencia da Duqueza servia de incentivo ao desordenado intento dos conspirados. Foy D. Sebastiaõ de Matos de Noronha Arcebispo de Braga o primeiro que fabricou esta infelice resoluçã, querendo pagar a ElRey Catholico os beneficios que havia recebido daquella Coroa, e comprar com perpetuo discredito o louvor apparente de agradecido. Era composto de entendimento sagaz, e de animo intrepido, e sabia com a liberalidade facilitar as suas opiniões. Quando ElRey se acclamou exercitava a occupaçã de Presidente do Paço, como acima referimos. Receosos os que acclamaraõ ElRey do seu

espi-

*Chega a Badajoz.*

*Noticia dos que conspiraõ contra ElRey.*

Anno

1641.

espiritô; e da inclinação, que mostrava aos interesses de Castella, intentáraõ matallo; de que se disfluadiraõ o dia antecedente ao da acclamação, parecendo-lhe melhor accordo obrigallo com beneficios, politica, cujo successo depende dos animos em que se emprega. Elegeraõ o Arcebispo por hum dos Governadores do Reino em quanto ElRey se dilatava, como tambem fica apontado: quando ElRey chegou lhe fez tantos favores, que, a ser menos obstinado o seu animo, bastaraõ para grangeallo, havendo tambem sido as intercessõens d'ElRey poucos tempos antes em Madrid causa das suas melhoras, quando de Bispo de Elvas passou a Arcebispo de Braga. Esquecido pois das obrigaçoens passadas, e dos beneficios presentes, ou por afeição á Coroa de Castella, ou por duvidar da conservação de Portugal, se resolveo o Arcebispo a ser Dom Oppas Lusitano, não se lembrando do Bispo de Lisboa Dom Martinho, que em tempo d'ElRey Dom Joaõ primeiro foy sem culpa na sua propria Igreja emprego lastimoso da ira das suas mesmas ovelhas, que podem cegamente fazer-se vorazes com os desconcertos de hum máo Pastor. O primeiro caminho, que o Arcebispo buscou para a disposição do seu desordenado intento, foy introduzir nas pessoas, que lhe pareciaõ dispostas ou por queixa do novo governo, ou por dependencias de Castella, a pouca segurança da nova Monarquia, dizendo: que contendia sem forças contra o poder d'ElRey Catholico, formidavel a todo o mundo; que os Exercitos, e Armadas dos Castelhanos haviaõ de encher os campos, e povoar os mares; que a defenfa de Portugal por todos os caminhos se mostrava impossivel, porque as ordens d'ElRey, e de seus Ministros todas eraõ confusas, e a execuçaõ dellas como as ordens; que as fronteiras estavaõ abertas, nos Cabos das Provincias não havia mais que o nome, e nos Soldados só a apparencia: de que era facil tirar por conclusaõ, que brevemente seriaõ lastimoso espectaculo as cabeças dos que barbaramente seguissem a incerteza do novo governo.

*He author o Arcebispo Primaz.*

A primeira pessoa a que persuadio esta cavilosa pratica foy ao Marquez de Villa Real Dom Luiz de Me:

*Junta se lhe õ Marquez de Villa Real.*

Anno  
1641.

*Persuade o Arcebispo o Conde de Armamar, e outros.*

Menezes, a quem eu mudára o nome, se não faltára á verdade da historia. Estava em Leiria quando ElRey foy acclamado, e não se lhe havia fiado anticipadamente esta noticia, porque o seu talento não havia grangeado tanto credito, como merecia o seu esclarecido sangue. Era o Marquez facil de persuadir, e difficil em discursar; penetrou-o a doutrina artificiosa do Arcebispo, entregou-se-lhe, e deixou-lhe na disposição o seu alvedrio. Communicou a seu filho Dom Miguel de Noronha Duque de Caminha a sua deliberação, o qual com mais valor, e não melhor fortuna contradisse a seu pay o cego intento, a que se arrojava, lembrando-lhe o juramento a que estavam obrigados, e quanto melhor seria perder a vida defendendo a liberdade da Patria, que conservar a Casa no infelice cativo de Castella. Persuadio tambem o Arcebispo a seu sobrinho Ruy de Matos de Noronha, primeiro Conde de Armamar, sendo facil de enganar as suas poucas experiencias, e communicou o desordenado intento, que havia abraçado, com outras pessoas da primeira, e segunda qualidade, cujos nomes referiremos quando dermos conta das prizoens de todos os culpados. Desejava o Arcebispo dar noticia a ElRey Catholico da tea que hia ordindo, custando-lhe grande cuidado não ter resposta de huma carta, que lhe havia escrito por D. João Soares, de cuja resolução teve noticia quando se passou para Castella, na qual se disculpava de aceitar o Governo, e cooperar nas diligencias de se reduzirem os Lugares do Reino, firmando as cartas escritas a este fim. Por se livrar do embaraço que padecia se resolveo a mandar a Castella hum homem, chamado Manoel Valente, Escrivão da Tabola de Setubal; e não podendo ajustar com Manoel Valente esta jornada tão brevemente como pretendia, determinou mandar Diogo de Brito Nabo; porém antes que o conseguisse se descobrio a conjuração. Huma das pessoas de que o Arcebispo uzava para o fim que pretendia, era Melchior Correa da Franca, ao qual havia negociado Diogo Soares a mercè do Habito de Christo, e a Patente de Mestre de Campo de hum Terço, que havia de levantar em Portugal, pago com o dinheiro que resultasse

Anno  
1641.

sultasse da venda dos Habitos das Tres Ordens, e feros de Fidalgos, para que tambem tinha trazido ordens de Castella. Vendo com a aclamação d'ElRey desvanecida a commissão, e divertido o posto, determinou passar a Castella em companhia de Diogo de Brito Nabo, tambem dependente daquelle Governo. Por algũas circumstancias que não puderaõ dissimular se descobrio este intento dos dois referidos: mandou ElRey prendellos, e, não havendo bastante prova do seu delicto, foraõ logo soltos. Esta piedade que pudera servir-lhes de arrependimento lhes accrecentou a confiança, e se offereceraõ ao Arcebispo (o qual lhes communicou o seu intento) a accrecentar o numero dos conjurados. O primeiro em que teve effeito a sua diligencia foy Pedro de Baeça Thefourreiro da Alfandega, e homem de negocio; persuadio'o Melchior Correa affirmando-lhe contra a verdade, que passavaõ de mil os que entravaõ na conjuraçãõ. Fallou Pedro de Baeça por intervençãõ de Melchior Correa com o Marquez de Villa-Real; remetteo'o o Marquez ao Arcebispo, que assistia em huma quinta fóra de Lisboa junto a Nossa Senhora da Luz, recebeu-o elle com muitos louvores, e grandes promessas, e depois de varias conferencias affirmou Pedro de Baeça ao Arcebispo, que, unidos os seus cabedaes aos de Diogo Rodrigo de Lisboa, e Simão de Souia tambem contratadores, governados pela sua direcçãõ, entregaria á sua ordem hum milhaõ, e trezentos mil cruzados; porém a promessa era com pouco fundamento, por não serem taõ grossos os cabedaes dos tres, nem os animos dos dois taõ seguros. Encaminhadas estas disposiçoens pelo Arcebispo, e deseioso de augmentar outras para adiantar a execuçãõ, achou com maior pressa o castigo da sua temeridade, porque Pedro de Baeça tanto que se apartou do Arcebispo foy buscar Luiz Pereira de Barros Contador da Fazenda, o qual havia sido obrigado a Miguel de Vasconcellos: e arguido de que escrevia a Castella, o tinha ElRey mandado prender, e soltar juntamente em breves dias, por justificar a sua innocencia. Julgando Pedro de Baeça por bastantes estas causas para o fazer parcial da conjuraçãõ, se declarou  
com



Anno  
1641.

com elle, facilitando-lhe a certeza de matar a ElRey, e de restituir o Reino a Castella com os soccorros, que ElRey Catholico havia de mandar sem falta por terra, e por mar, e legurou-lhe que eraõ oitenta os Fidalgos conjurados, e mais de quinhentas as pessoas de outras qualidades, persuadindo-o a ter parte em taõ grande empreza, com interesses, que haviaõ de resultar della aos que a conseguissem. Dividiraõ-se os dous, mostrando Luiz Pereira que ficava persuadido; porẽm, passados oito dias, se resolveo a dar conta a ElRey da conjuraçaõ, e querendo especular primeiro todos os fundamentos desta maquina, foy buscar Pedro de Baeça, e lhe disse, que elle havia considerado o que lhe ouvira referir, e que achava a empreza taõ grande, que se não resolvia a entrar nella sem saber os nomes dos conjurados, e como determinavaõ dispor o que emprendiaõ. Respondeo-lhe, que os conjurados eraõ o Marquez de Villa Real, seu filho o Duque de Caminha, o Inquisidor Geral, o Conde de Armamar, Dom Agostinho Manoel, e outras muitas pessoas; que a ordem, e o modo da execuçaõ se esperava de Madrid, donde sabia que se havia promettido hum grande Exercito, com que o Conde de Monte-Rey havia de entrar por Alemtejo, e huma Armada, que no dia da execuçaõ se havia de achar na barra de Lisboa, e que se elle quizesse fallar com o Arcebispo de Braga, que elle o acompanharia, e que sendo-lhe necessario dinheiro para persuadir algumas pessoas mandaria contar todo o que lhe pedisse.

*Luiz Pereira de Barros delcobre a ElRey a conjuraçaõ.*

Havendo Luiz Pereira colhido as noticias, que desejava, se despedio de Pedro de Baeça, e sem interpor dilacaõ, se foy ao Paço; fallou a ElRey, e deo-lhe conta assim da primeira como da segunda conferencia, que havia tido com Pedro de Baeça, e de todas as circumstancias acima declaradas. Ordenou-lhe ElRey, que fosse a casa de Antonio Paes Viegas, e que lhe referisse por escrito tudo quanto lhe havia repetido. Assim o executou Luiz Pereira, e remunerou ElRey a sua fidelidade com huma grande Cõmenda. Foy esta primeira noticia, que ElRey teve da conjuraçaõ, e com ella accrecentou a vigilancia,

tra-

tratando de examinar mais juridicos fundamentos. Dentro de breves dias conleguio este intento na confillaõ de Manoel da Silva Matcarenhas natural do Torraõ, e assistente em Lisboa, o qual achando-se huma tarde em nossa Senhora da Luz, o veio buscar Manoel de Vasconcellos, com quem havia de poucos tempos antes travado amizade, e discorrendo ambos do estado do Reino lhe disse Manoel de Vasconcellos, que era infallivel verem Portugal em poucos mezes conquistado do poder formidavel de Castella; porque elle reconhecia a debilidade da nossa defenõa com mais circumstancias que outra alguma pessoa, por haver chegado de Elvas de assistir ao Conde do Vimioso, e servir-lhe de Secretario; e que por esta, e outras causas muito relevantes naõ faltavaõ muitas pessoas de grande qualidade, e entendimento, que estavaõ resolutas a atalhar o castigo que a todos ameaçava, executando as maiores finezas pelo serviço d'ElRey Catholico, e ultimamente lhe declarou tudo quanto os conjurados haviaõ conferido. Naõ quiz Manoel da Silva, com maior amigo, e melhor acordo, uzar de dissimulaçaõ alguma: extranhou a Manoel de Vasconcellos com grande efficacia a proposiçaõ que lhe havia feito, e animando-o á confiança da defenõa do Reino, lhe disse, que se resolvesse a hirem logo dar conta a ElRey do perigo a que estava exposto. Sobresaltado, e temeroso se executava Manoel de Vasconcellos: porèm obrigado do receio deo permissaõ a Manoel da Silva, para que logo fosse avizar a ElRey da parte de ambos. Naõ tardou Manoel da Silva na diligencia, porèm naõ podendo falar a ElRey com a pressa que desejava, impaciente da dilacaõ foy buscar o Conde do Vimioso a sua casa, o qual havia chegado naquelle tempo de Alemtejo desobrigado do Posto, e deo-lhe conta de quanto havia passado com Manoel de Vasconcellos. Louvou-lhe muito o Conde a fineza, e o zelo, e avaliando por grande fortuna offerecer-se-lhe occasiaõ de mostrar a ElRey a sua constancia, e fidelidade, quando padecia os maiores aggravos, foy ao Paço, e communicou a ElRey toda esta materia. Ordenou-lhe ElRey que aquella mesma noite levasse comsi-

Anno  
1641.

*Fidelidade de  
Manoel da Sil  
va*

*Dã conta o, Cõ  
de do Vimioso  
a ElRey.*

Anno  
1641.

*Manda El Rey  
ao Conde que  
fale ao Arce-  
bispo.*

*Descobre-lhe a  
conjuracão.*

*Difficultades q̃  
El Rey conside-  
ra neste nego-  
cio.*

go a fallar-lhe a Manoel da Silva, e a Manoel de Vasconcellos. Naõ dilatou muito esta ordem, e foy de qualidade a desgraça do Arcebispo, e dos mais conjurados, que nem souberaõ que Manoel da Silva descobrira o seu intento, nem Manoel de Vasconcellos, estando ganhado da negociaçãõ do Arcebispo, lhe communicou o mau successo que tivera com Manoel da Silva a sua diligencia: porque com huma, ou outra noticia podera desvanecer facilmente os indicios que calumniavaõ a sua fidelidade. E taõ claramente permittio Deos, que este successo fosse encoberto ao Arcebispo, que cego do seu delicto, visitando-o o Conde do Vimio. se deliberou a tentar o seu fidelissimo animo, presumindo que o Conde queixoso do agravo de lhe haver El Rey tirado sem causa o governo das Armas de Alemtejo, se arrojaria a entrar no numero dos conjurados. Resoluto neste delirio fez ao Conde huma larga oraçaõ, e ostentou nella todas as ideas acima declaradas. Repetio os nomes dos conjurados, e accrecentou outros que o naõ eraõ; cavillaçãõ, que em grande prejuizo de sua consciencia fez prender muitas pessoas sem culpa. O Conde respeitando a Dignidade, e os annos do Arcebispo, e o damno que resultaria a taõ grave negocio de qualquer demonstraçaõ que fizesse, reprimio a justa colera que lhe causou taõ abominavel practica, e com palavras geraes separou a conversaçaõ, e foy logo dar conta a El Rey de tudo o que havia passado com o Arcebispo; e conferida a resoluçaõ que havia de tomar em negocio taõ arduo, e de taõ relevantes consequencias, achavaõ-se por todas as partes grandes difficuldades que vencer, por serem as pessoas nomeadas na conjuraçaõ taõ aparentadas, e de tanta qualidade, que quasi todos os que forçosamente haviaõ de cooperar nas prizoens podiaõ ser contados como partes dos que se haviaõ de prender, e onde as raizes eraõ taõ poucas, podia-se recear a menor tempestade. O coração d'El Rey ornava-se de grande valor, porém deixava-se persuadir dos discursos bem fundados, e assim ainda que desejava livrar-se do cuidado com a execuçaõ, vencio a prudencia, reconhecendo as difficuldades da empreza. Hum dos reparos que mais

o em-

Anno  
1641.

o embaraçavaõ era ser-lhe forçoso mostrar ao mundo, que havia Vassallos no seu Reino taõ cegamente precipitados, que se resolviaõ a trocar a gloria de se defenderem dos Castelhanos pela tyrannia do seu governo. Continuando em ElRey a perplexidade, denunciãraõ de Pedro de Baeça huns criados feos, dizendo, que elle maquinava contra a confervaçaõ do Reino com Melchior Correa da Franca, e Diogo de Brito Nabo. Tomado judicialmente este depoimento, e concordando com a confissaõ de Luiz Pereira de Barros, se resolveo ElRey a mandar prender os tres denunciados, esperando que resultasse da sua declaraçaõ maior fundamento contra os conspirados de mais alta esfera. Foraõ prezos os tres, e postos a tormento: levou Pedro de Baeça os tratos sem confessar o delicto, soffreraõ os os dous com menos constancia; e concordou a sua confissaõ com quasi todos os indicios antecedentes. Vendo ElRey tantas evidencias julgou, que era preciso tomar nesta materia a ultima resoluçaõ, para que nos culpados com a dissimulaçaõ se naõ augmentasse a ousadia, e para que o castigo fosse freio dos que vacillaõ, e alento dos que o defendiaõ.

*Prizãõ de algũs  
cumplices, de q̃  
resulta prova  
mais clara.*

Escolhido este discurso pelo mais acertado, no dia que se contavaõ 28 de Julho, mandou que os quatro Terços da Ordenança se formallem nas praças principaes da Cidade, advertindo que determinava sahir a vellos exercitar. Deo-lhe recado a toda a Nobreza, para que viesse aquella tarde, que era Domingo, ao Paço a acompanhar a ElRey, e juntamente se fez avizo aos Conselheiros de Estado, para que todos às tres horas depois do meio dia se achassem no Conselho. O Marquez de Villa Real affustado das prizoens de Pedro de Baeça, Melchior Correa, e Diogo de Brito, e admoeitado de seu filho, ou arrependido do seu errado intento, disse a ElRey, sabendo aquella mesma manhãa de ouvir Missa na tribuna, que o zelo com que se dedicava ao seu serviço naõ soffria dilações, que tinha materia muito importante que lhe communicar. ElRey sem mostrar a menor perturbaçaõ lhe respondeo, que viesse às tres horas ao Conselho de Estado. Assim o executou o Marquez, e subindo a esca-

*Prevençoens  
para se pren-  
derem os con-  
jurados.*

Anno  
1641.

*Prendem-se o  
Marquez de  
Villa Real, o  
Arcebispo de  
Braga, e outros.*

da do Paço achou o Porteiro mór Luiz de Mello que o encaminhou a hum aposento, onde estava Thomé de Sousa, o qual tanto que o Marquez entrou lhe disse, que ElRey lhe ordenava que o prendesse. Perturbado, e sem replica lhe entregou a espada. Na mesma forma prendeo em outro aposento ao Arcebispo de Braga, D. Rodrigo de Menezes filho segundo do Conde de Cantanhede, naquella tempo Detembargador do Paço. Dom Pedro de Menezes, que foy Bispo eleito do Porto, prendeo pelo mesmo estylo ao Bispo Inquisidor geral. A ordem de prender ao Duque de Caminha se deo a Pedro de Mendoça, e Antonio de Saldanha: aguardáraõ elles que o Duque chegasse às escadas do Paço, e antes que se apeasse, se meteraõ com elle no mesmo coche em que vinha; e o leváraõ á Torre de Belem, de que era Capitaõ mór Antonio de Saldanha. Para a mesma hora tinhaõ as Justiças, e alguns Fidalgos varias ordens, que executáraõ, prendendo a Nuno de Mendoça Conde de Val de Reys, e a Lourenço Pires de Carvalho na Torre de Belem: para a de São Filippe de Setubal foy levado Dom Antonio de Ataide Conde da Castanheira, para a de Outaõ Gonçalo Pires de Carvalho: na Torre de Cascaes foy prezo Antonio de Mendoça Commissario da Cruzada, e no Castello de Lisboa Ruy de Matos de Noronha Conde de Armamar: no Convento de Belem, passando depois para a Torre, Frey Luiz de Mello Religioso de Santo Agostinho, Bispo eleito de Malaca: nas Cadeas do Limoeiro prendé-raõ a Paulo de Carvalho Vereador da Camera, e a seu irmão Sebastiaõ de Carvalho ambos Desembargadores da Casa da Supplicação, Luiz de Abreu de Freitas Escrivaõ da Camera d'ElRey, Jorge Fernandes de Elvas, que poucos dias antes se havia passado de Castella a este Reino, Diogo Rodrigo de Lisboa, Jorge Gomes Alemo seu filho, e Simaõ de Sousa Serraõ, todos tres homens de negocio de grossos cabedaes, Christovaõ Cogominho guarda mór da Torre do Tombo, Manoel Valente Escrivaõ da Tavola de Setubal, Antonio Correa Official maior da Secretaria de Estado. No dia seguinte prenderaõ no Limoeiro a Dom Agostinho Manoel, e do caminho de Coim-  
bra

bra para Braga, trouxeraõ prezo á Torre de Belem o Bispo de Martyria Dom Francisco de Faria, que havia sido creado do Arcebispo de Braga. Tendo ElRey avizo que as prizoens acima referidas estavaõ executadas, sahio com semblante triste, e levero a huma casa, onde o aguardava toda a Nobreza da Corte, á qual manifestou o sentimento com que se achava, de o obrigarem os intentos dos conjurados á resolução que contra elles tomára, e que ingenuamente affirmava, que tratar da sua segurança era mais que amor da vida, amor de seos Vassallos: porque se o haviaõ buscado para defenfa, e liberdade propria, destruida a causa, perigavaõ sem duvida os effeitos; e que com animo igual, naõ estando de per meio esta obrigação, elegera antes a morte, que a pena que padecia, vendo que era o primeiro Rey de Portugal, contra cujo decoro descobertamente prevaricara a fidelidade Portugueza, taõ radicada em muitos seculos, que havia servido de exemplo a varios Principes, para comprimir, e refrear os desconcertos de seos Vassallos: porém que na desgraça presente, encontrava o allivio de conhecer a fineza, e igual coração dos que estavaõ sem culpa, de cujo valor fiava a sua segurança, e a defenfa do Reino. Que os crimes dos prezos, estivessem certos, que se haviaõ de examinar com toda a exacção, para que o mundo conhecesse os fundamentos que tivera na resolução presente, esperando que todos experimentassem no seu governo a igualdade de verem nos delictos castigo, e nos mercimentos premio. Todo aquelle concurso a que ElRey repetio estas razoens, lhe respondeo em huma só voz a satisfação com que ficava da execucao que naquella dia fizera: porque he o rumor dos grandes concursos orador eloquentissimo, sem formar as palavras exprime distinctamente os affectos. Recolheo-se ElRey, e espalhando-se pelo Povo a noticia das prizoens, se alterou de forte contra a Nobreza, que com difficuldade se recolheo a sua casa, os que estavaõ no Paço.

Anno  
1641.

Falla ElRey á Nobreza.

Altera-se o Povo contra a Nobreza.

Neste mesmo dia mandou ElRey a Manoel Lobo da Silva que fosse a Estremoz, aonde assistia Mathias de Albuquerque, e que dissimuladamente observasse o

Anno  
1641.

effeito que fazia no seu animo a nova das prizoens dos conjurados, e que se informasse em grande segredo de pessoas de maior confiança do seu procedimento, porque era muito pouca a prova, que havia contra ella, e o seu mericimento muito grande: constava só que o Conde do Vinioso com pouca cautéla perguntára ao Arcebispo de Braga na primeira conferencia que tivera, se entrava na conjuraçã Mathias de Albuquerque, inferindo-o da correlaçã que tinha com o Marquez de Villa-Real; e que o Arcebispo lhe respondera, que sim entrava, sem mais motivo que lembrar-lhe, que tinha em Castella seu irmão Duarte de Albuquerque, e querer o Arcebispo accrecentar sequazes ao seu delicto, sem reparar no encargo da sua consciencia. Constou mais, que determinavaõ os conjurados mandar o Bispo eleito de Malacca a tentar o animo de Mathias de Albuquerque; (pequenos indicios para se proceder contra hum homem taõ grande, e que governava no Reino a Provincia de mais força, e de maior importancia.) Manoel Lobo chegou a Extremõs, e informando-se levemente do procedimento de Mathias de Albuquerque, achou na bocca de seus inimigos algumas culpas suppostas, e com esta noticia, sem esperar por Martim Affonso de Mello, que hia a governar as Armas, como ElRey lhe havia ordenado, dizendo-lhe que, naõ achando indicios bastantes contra Mathias de Albuquerque, aguardasse por Martim Affonso, porque, ficando elle entregue das Armas, cessavaõ os receios, sem preceder circumstancia alguma destas foy Manoel Lobo a casa de Mathias de Albuquerque, e mostrando-lhe a ordem que levava d'ElRey para o prender a aceitou com toda a reverencia, e socego, e juntamente lhe entregou todos os papeis que achou nas alzibeiras, e as chaves dos Escritorios, para que examinasse os que estivessem nelles. Na mesma noite caminháraõ os dois para Setubal em huma liteira, padecendo Mathias de Albuquerque opprobrios nos Lugares por onde passava daquelles mesmos homens, que pela fama das suas acçoens poucas horas antes lhe promettiaõ triunfos. Taõ cegamente governa a fortuna a vida humana! Chegando a Setubal o deixou Manoel Lobo

Prizão de Mathias de Albuquerque.

Anno  
1641.

Lobo na Torre de Outaõ, onde o perseguiraõ de forte as desordenadas vozes do Povo, que sabendo-o El Rey o mandou mudar para a Torre de Belém. Na de S. Giaõ prenderaõ nestes mesmos dias ao Padre Jcaõ da Ressurreiçaõ, Geral dos Frades Loios pela mesma presumpçaõ. No dia seguinte ao das prizoens, que se fizeraõ em Lisboa, correo o Arcebispo della a Cidade com huma Procissãõ de Graças, por se haver descoberto a conjuraçaõ, que ameaçava a Portugal a ultima ruina. El Rey desejando justificar-se por todos os caminhos mandou fixar Editaes nas portas da Cidade, que continhaõ o grande sentimento com que havia mandado proceder contra os que estavaõ prezos, antepondo a saude publica ao seu desejo, que era fazer mercè a todos, e que ordenava a seus Vassallos, que com todo o socego aguardassem a resoluçaõ que se tomava, segurando ajustar-se com as obrigaçoens da Justiça; e que se contra esta ordem se levantasse algum rumor, ou succedesse alguma inquietaçãõ, se daria por mal servido, e mandaria proceder severamente contra os authores de qualquer desconcerto. Com este Edital se socego mais a furia do Povo, que se havia desenfreado de forte, que seguiaõ com palavras desconcertadas os Fidalgos, que passavaõ pelas ruas. Uzou-se tambem, para o applacar, da diligencia dos Prégadores, que exhortavaõ dos pulpitos o socego, e uniaõ mostrando as perigosas consequencias de effeito contrario. Mandou El Rey fixar nos lugares publicos segundo Edital, em que perdoava o delicto a qualquer pessoa, que diante dos Juizes apontados descobrisse a noticia, que houvesse tido da conjuraçaõ. Muitos dos comprehendidos se livrãraõ do castigo com este indulto, e acresentãraõ a prova aos que depois foraõ condemnados.

*Decreto q̄ man<sup>d</sup>  
da El Rey publi-  
car.*

Logo que as prizoens se executãraõ mandou El Rey processar as culpas de todos os prezos. Havia de proceder a todas as diligencias fazer-se-lhes perguntas; porém muitas delles as excuzãraõ confessando o delicto. Foy o primeiro que seguiu este caminho o Inquisidor Geral, escrevendo a El Rey huma carta, cuja substancia era:

*Cartas do In-  
quisidor Geral.*

Que fiado na benignidade d'El Rey lhe referia tudo o que



Anno  
1641.

havia passado da Acclamação até aquella hora, affirmando que no seu animo nunca entrára a mais leve tenção de disservir a sua Magestade, e que, havendo quem dissesse o contrario, era falso, e que só se lhe offerencia que entendendo do Arcebispo de Braga o descontentamento, com que vivia, do estado presente, e quanto suspirava pelo governo de Castella, lhe extranharaõ algumas vezes esta pratica, e a ultima occasiaõ fora Domingo 28 daquelle mez de Julho: que se deixara de referir a sua Magestade o que entendera do Arcebispo, fora por lhe parecer que aquellas razoens naõ tinhaõ entidade, nem dispuñaõ algum fim. Que de Gonfalo, e Lourenço Pires era muito parente, que nunca lhes ouvira mais, que sentimento de se verem alguns desconcertos, com que perigava a conservação do Reino, e que affirmavaõ havello advertido assim a Sua Magestade. Rematava a carta, que por lhe naõ permittirem ir lançar-se a seus pes fiava aquella carta de Dom Jorge de Mello, que depois foy Mestre-Sala da Rainha. No dia seguinte escreveo outra carta mais larga, em que dava conta a ElRey com particularidade de differentes occasioens, em que o Arcebispo de Braga o quizera persuadir a que acclamassem ElRey de Castella, para que dizia haviaõ de achar o Povo prompto, e a que mandassem a Madrid a Frey Manoel de Macedo, para conferir naquella Corte varias materias tocantes a este fim, e que juntamente lhe pedira quizesse persuadir á sua opiniaõ a Gonfalo, e Lourenço Pires por serem seus parentes: Que desta commissaõ, e de todas as mais porposiçoens se havia excusado com o Arcebispo, e que se havia faltado em dar conta dellas a Sua Magestade, fora por: que as primeiras conferencias haviaõ succedido antes que Sua Magestade chegasse de Villa-Viçosa, e a ultima na mesma manhã que o prenderaõ. Esta carta enviou o Inquisidor Geral a ElRey pelo Capellaõ mór, e tornando a mandallo chamar pouco espaço depois de lha ter entregue escreveo outra, em que dizia a ElRey, que fazendo novo exame na sua memoria, lhe lembrava que o Arcebispo lhe dissera quando facilitára acclamar o Povo ElRey de Castella, que tornariaõ a introduzir a Duqueza de

Mane

Anno  
1641.

Mantua no Governo do Reino, e que ultimamente lhe aconselhára, que fosse do parecer na ultima proposta que o Secretario de Estado Francisco de Lucena havia feito aos Conselheiros de Estado (na qual lhes perguntava da parte de Sua Magestade se convinha passar a sua Real Pessoa á fronteira, que era muito conveniente esta jornada, e que buscasse elle Inquisidor Geral as razoens mais forçosas para a persuadir, porque na fronteira se conseguiria mais facilmente darem a morte a Sua Magestade, como pretendiaõ, e que elle respondera ao Arcebispo, que o seu parecer havia de ser o contrario, e que neste sentido fizera hum papel, que communicára a Sebastiaõ Cesar, o qual o obrigára a mudar de opiniaõ, dizendo-lhe com bom zelo como elle entendia, que convinha muito que Sua Magestade fosse á fronteira, para que o vissem seus Soldados, e para evitar com esta resoluçaõ as murmuraçoens que corriaõ de que Sua Magestade se não inclinava á guerra, e que seguindo elle este conselho lançára outro papel, o qual remetia a Sua Magestade, porque o levava consigo o dia que o prenderaõ, suppondo que era chamado ao Conselho de Estado para votar nesta materia. Esta foy a substancia das cartas do Inquisidor Geral, e sem embargo da confissãõ dellas se lhe fizeraõ perguntas, a que respondeo sem alterar, nem accrescentar o que nas cartas havia escrito.

O Arcebispo de Braga, depois de desafogar a primeira paixãõ com palavras desconcertadas, persuadido artificialmente (como se entendeo) do Capellaõ mór, escreveu a El Rey duas cartas. Continha a primeira o conhecimento em que estava dos justos motivos, que Sua Magestade tivera para proceder contra elle, e que ainda que esperava todo o favor do generoso animo de Sua Magestade, que receando o perturbassem alguns de seus Conselheiros, lembrava a Sua Magestade mais a clemencia a que era inclinado, que a vingança a que podia ser persuadido; que elle se achava promptissimo para obedecer a tudo o que Sua Magestade ordenasse da sua pessoa, e que para descargo da sua consciencia pedia a Sua Magestade

*Cartas do Arcebispo de Braga.*

Anno  
1641.*Primeira respo-  
sta do Arcebispo*

stade com muitas lagrymas permittisse que entrasse a assistir-lhe na prizaõ o Padre Fr. Simaõ dos Anjos Carmelita Descalço para seu Confessor, e com quem receberia particular alivio. Concedeo-lhe ElRey este desafogo, attendendo á grandeza da sua Dignidade reduzida á ultima desgraça humana. Dizia na segunda carta, que conhecendo-le pelo desconcerto das tuas culpas digno de morte, e merecedor de Sua Magestade não uzar com elle de sua natural clemencia, e piedade, se offerecia a declarar tudo o que havia passado na conjuraçaõ, para locogo de sua alma, com tanto que Sua Magestade lhe promettesse perdoar a quatro pessoas, que elle declararia depois de concedido o perdaõ, affirmando não terem mais culpa, que sujeitarem-le a seguir a sua ordem; e que para se conhecer a verdade, e inteireza com que fallava offerecia a tua vida por sacrificio de teos delictos, e dimittia para si todo o perdaõ delles. Vista esta carta, e depois de ventilada largamente a proposiçaõ della resolveo ElRey que não convinha diferir ao requerimento do Arcebispo, porque esta concessaõ lhe ficava ligando o poder com que devia mandar proceder contra os outros culpados; pois sendo todos iguaes no delicto, não era justo que o mesmo Arcebispo que fora fonte de todas as culpas, condemnasse huns com a sua confissaõ, e por seu respeito se absolvessem outros. Estimulado o Arcebispo de se lhe não diferir ao requerimento que fizera a ElRey, entrando a tomar-lhe depoimento Francisco Lopes de Barros, e Pedro Fernandes Monteiro, respondeo todo entregue á colera, que elle era Arcebispo de Braga, e que não conhecia por Superior mais que a Deos, e ao Summo Pontifice, e que Sua Magestade não podia proceder contra elle; e que se accaso o executasse de poder absoluto obraria como assacino particular, e não como Rey, e que juntamente estava resolute a não responder ao que se lhe perguntasse, por quanto o verdadeiro juramento de fidelidade que havia dado fora a ElRey Dom Philippe, porque ao segundo o constrangera o temor, e ameaças, e que ao que só se sujeitava como christaõ, era perdoar a ElRey se o mandasse matar, e á pessoa que

o ex.

o executasse. Determinou Francisco Lopes de Barros persuadillo a que moderasse a paixão com que fallava; não sendo possível, nem querendo assinar o auto o firmou elle em seu nome. Passados alguns dias, e moderada a paixão do Arcebispo, sendo reperguntado pelo mesmo Desembargador, e persuadido com eloquentes razões, a que estava obrigado na consciencia a declarar o que sabia da conjuração, protestando primeiro, que não consentia em juizo secular por não contradizer os Breves, e Canones, e que tudo quanto dizia era violentado do medo da morte, sem querer tomar juramento declarou, que entendendo que pela fidelidade que havia jurado a El Rey Dom Philippe não podia reconhecer outro Rey, e que tudo o que obrasse por segurar esta opiniaõ era licito, e conveniente, fora afeiçoando ao seu designio todas as pessoas, que lhe havia sido possível persuadir ao serviço d'El Rey de Castella, e que sabendo do Conde de Tarouca, e de Dom João Soares, que seguiaõ a mesma opiniaõ, e que se resolviaõ a passar para Castella, escrevera huma carta por Dom João Soares a El Rey Dom Philippe, na qual protestava a sua innocencia no successo da acclamação, e disculpava todas as acçoens, em que depois della forçadamente, como Vassallo d'El Rey Dom João, havia concorrido, e que além destas excusas segurava com grandes affirmações a sua fidelidade: Que não tendo resposta desta carta; nem outro avizo de Castella, entendera que El Rey Catholico não admittira a sua desculpa, e que obrigado do temor de que, conquistando os Castelhanos este Reino, fosse elle a primeira pessoa contra quem procedessem, buscára todos os caminhos de desvanecer esta suspeita; e que lhe accrecentára o receio dos Castelhanos, ouvir que os mais empenhados na defenza do Reino affirmavaõ publicamente, que Portugal se não podia defender, e que neste tempo, havendo algumas vezes fallado com o Marquez de Villa Real sobre o estado do Reino, a sua pouca defenza, e o perigo que todos corriaõ, achavaõ a melhor resolução, entrando o Exercito de Castella em Portugal, passar-se logo para elle; porém que não haviaõ deter-

Anno  
1641.

*Declaração do  
Arcebispo.*

Anno  
1641.

determinado o modo da execuçaõ, e que andando nesta perplexidade fora buscallo huma manhã Pedro de Baeça mandado pelo Marquez de Villa Real, e que depois de conferirem a pouca segurança do novo Governo, Pedro de Baeça mostrára grande desconfiança da resolução do Marquez, e juntamente da inclinaçaõ do Duque seu filho, e que elle Arcebispo huma vez que fallara com elle alcançára no seu animo grandes mostras de se apartar das materias que tratava, e muito mais remoto dellas depois que Sua Magestade lhe fizera mercê do titulo de Duque. Que Pedro de Baeça lhe affirmára, que tinha mais de mil homens á sua ordem; porém que os não nomeára, e que passados poucos dias mandára o dito Pedro de Baeça fallar com elle hum Manoel Valente, que elle não conhecia, o qual lhe dissera, que Pedro de Baeça determinava dar conta a El Rey de Castella por hum homem de sua obrigaçaõ, do estado em que Portugal se achava, e saber o tempo, em que o Exercito junto para a conquista de Portugal havia de entrar neste Reino; e que elle Arcebispo mandara por este homem huma cifra de numeros em que elle Arcebispo era o primeiro, Diogo Soares o segundo, a Duqueza de Mantua o septimo, e dos mais que se não lembrava, para que debaixo desta cifra se sustentasse segura a correspondencia de ambas as partes. Que depois do referido fallára com o Conde do Vimioso, o qual se lhe queixára do aggravo que se lhe havia feito em lhe tirarem o posto de Governador das Armas, e lhe dissera, que estava com intento de se passar a França, ao que lhe respondera que elegia bom caminho, que o mais acertado era, que se Sua Magestade se auzentasse do Reino, como se dizia, acclamarem outra vez El Rey Dom Philippe, com que segurava a este Reino grandes utilidades, livrando-o dos incendios, das mortes, e das violencias, que na conquista dos Castelhanos o ameaçavaõ, e que o Conde, segundo depois entendeu, com animo dobrado lhe approvára muito aquelle parecer: e que perguntando lhe a gente que poderia entrar neste empenho, elle Arcebispo lhe referira o que havia passado com Pedro de Baeça, e que entendendo que o Conde lhe fallára lizamente, se

de.

Anno  
1641.

declarára com elle, e lhe dissera o que havia passado com o Marquez de Villa-Real, repetindo-lhe tambem a pouca segurança que tinha no animo do Duque: Que no Bispo Inquisidor Geral entendia pouco gosto do novo Governo, que com Gonfalo, e Lourenço Pires não falára, mas que suppunha que seguirião o seu Partido: Que falando-lhe o Conde em Mathias de Albuquerque, lhe respondera que seria bom tentá-lo, porque ainda que servia nas fronteiras com grande cuidado, como o Conde affirmava, que tinha seu irmão em Castella, e que podia saber delle o estado em que de presente se achava; e que discorrendo sobre o animo do Conde de Val de Reys, e de Antonio de Mendoça, disserão que tinhaõ muitos parentes em Castella, mas que com o primeiro não havia falado, e que do segundo inferia, que esperava que os successos o aconselhassem do Partido que havia de seguir: Que de seu sobrinho o Conde de Armamar dissera, que havia de seguir a ordem, que elle Arcebispo lhe desse: mas que declarava, que nenhuma resolução se havia tomado na fórma em que havia de executar o seu intento: Que do Conde da Castanheira não sabia cousa alguma em damno desta Coroa: Que as pessoas a que falára para as persuadir á sua opiniaõ havia declarado; e que prostrado aos pés de Sua Magestade lhe pedia quizesse perdoar aos que elle havia persuadido; por não perder tantos Vassallos arrependidos da sua culpa: Que na verdade com que falava se não podia pôr duvida, pelo que havia declarado de seu proprio sobrinho, e que lembrando-lhe mais alguma circumstancia a referiria, protestando que o seu animo era de não condemnar a quem o não merecesse. Esta confissãõ do Arcebispo, e a bem fundada diligencia de Pedro Fernandes Monteiro livraraõ a El-Rey do cuidado em que o parecer de alguns dos maiores Letrados, e melhores Ministros do Reino o tinhaõ posto, aconselhando-lhe desse tratos ao Arcebispo, entrando nelles o Vice-Colleitor.

No mesmo tempo escreveu o Duque de Camiã uma carta a El-Rey, a qual continha estas razoens: Que da prizaõ em que estava recordando as circumstancias do

Carta do Duque de Camiã  
que se Camiã  
nha.

Anno  
1641.

do seu delicto, o confessava com sincera verdade nacida de todo o coração, e que esperava da grandeza d'ElRey o perdão delle, tomando por medianeiros a Rainha, e Principes seus Senhores: Que o Arcebispo de Braga lhe havia dito nos primeiros dias da Acclamação, que o Reino se não podia defender, porque o poder de Castella era muito grande, e as nossas prevenções muito desiguas: e passados alguns dias lhe dissera Pedro de Baeça, e Melchior Correa da Franca o mesmo: e que perguntando-lhe que havia elle de fazer, se o inimigo ganhasse Alemtejo, e sitiasse Lisboa, respondera, que o que havia de fazer era accusallos por traidores, do que se dissuadira pelo cegar o diabo, entendendo tambem que estes homens mudariaõ de opiniaõ vendo os bons successos que Deos dava em todas as Provincias ás Armas deste Reino: Que ultimamente lhe havia dito o Conde de Armamar da parte de seu tio as mesmas razoes, que elle antes lhe havia referido, a que respondera que era Vassallo de Sua Magestade, que estava determinado a dar a vida pela sua defensa, assim por inclinaçãõ, como por interesse, pois lograva em Portugal a grandeza, que não havia de alcançar em Castella, e que este Partido avaliava por mais seguro, porque esta causa mostrava Deos que era sua, favorecendo a com tantos prodigios, como todos os dias se manifestavaõ: Que o Conde de Armamar a esta resposta fizera nova instancia, dizendo que se Sua Magestade se visse apertado dos Castelhanos se havia de embarcar, e salvar-se fóra do Reino; a que respondera que Deos havia de evitar este aperto, e quando succedesse, que elle, e todos os Vassallos de Sua Magestade o haviaõ de prohibir, detendo a Sua Magestade para que defendesse o seu Reino: E que destas, e outras razoes entendera que o fim dos conjurados era passarem-se ao Exercito de Castella, quando entrasse em Portugal. A esta confissãõ se seguiuõ rogos humilissimos para que ElRey lhe perdoasse, e protestos de o servir toda a vida com a maior fidelidade. Quasi desta mesma substancia eraõ sete cartas, que o Marquez de Villa Real escreveo tambem a ElRey. Humas, e outras foraõ de todos a ultima

Anno  
1641.

*Escreve o Marquez a ElRey.*

*Confessão os mais dos culpados.*

*Relaxão-se os Cavalleiros.*

ruina, servindo de verificar as culpas, que sem a sua confissão puderaõ ser menos notorias, e fizera aos Juizes arazoada duvida no lançar das sentenças, se não acháraõ mais que a confusão das testemunhas: porém Deos, que favorecia a causa d'ElRey, permittio que os conjurados lançaſsem com a sua mão a sua sentença. Entendeo-se que as diligencias do Capellaõ mór facilitaraõ esta, que supunhaõ, negociação, e experimentaraõ os ultimos paciosimos.

Examinadas pelos Juizes as cartas referidas, e reperguntadas as testemunhas, se tomou o depoimento aos prezos, que não haviaõ confessado por escrito, que foraõ o Conde de Armamar, Dom Agostinho Manoel, Melchior Correa da Franca, Diogo de Brito Nabo, Manoel Valente, Christovaõ Cogominho, e seu irmaõ o Bispo de Martyria, e o Bispo eleito de Malaca. Todos confessaraõ com tanta clareza, que não eraõ as provas menos que os delictos. A Pedro de Baeça puzeraõ segunda vez á vista do Potro: porem convencido mostrando-lhe a confissão dos outtos prezos, não quiz experimentar segundo tormento, declarou toda a sua culpa, e pediu a ElRey quizesse perdoar-lhe, offerecendo hum donativo de trinta mil cruzados, e a parte da fazenda que tocava a sua mulher, que era muito consideravel. Não se lhe aceitou a offerta, parecendo mais conveniente castigar os seus delictos. A Simaõ de Sousa, e Jorge Gomes Alemo deraõ ratos, que padeceraõ sem fazer confissão alguma. Apuradas as diligencias, se foy abreviando aos Reos o prazo da vida, para que o espectáculo mais lastimoso, que nunca vio Portugal, fosse objecto aos Portuguezes no Rocio de Lisboa. Mandáraõ os Juizes dizer aos Reos de sua justiça no prazo de tres dias. O Marquez de Villa Real, o Duque de Caminha, o Conde de Armamar appelláraõ para a Mesa da Consciencia, por serem Cavalleiros professos na Ordem de Christo. O Deuter Francisco Cabral Riscal da Mesa da Consciencia formou libello contra elles, de que se lhe deo vista, e não havendo defeza contrarieidade, os relaxáraõ á justiça secular por se lhes provar o crime de leza Magestade da primeira cabeça. Deraõ a sentença



Anno  
1641.

*Juizes que dão  
a sentença na  
Relação.*

*Nomea ElRey  
Fidalgos por  
Juizes.*

*Da-se sentença  
contra os conjurados.*

tença em 23 de Agosto de 1641 Dom Leão de Noronha, Francisco Lopes de Barros, Estevão Fuzeiro, Simão Torresaõ Coelho. Seguiu-se a esta sentença offerecer Libello contra todos os Réos o Procurador da Coroa Thomé Pinheiro da Veiga, e signalou-se-lhes o prazo de tres dias para responderem conforme a ley do Reino: Acabados elles, e havendo lançado a sua defeza, se juntaraõ na Relação a 26 de Agosto, para sentenciareem todos os convencidos, os Doutores Francisco Lopes de Barros Juiz Relator, Francisco de Mesquita, Pedro de Castro, Gregorio Mascarenhas Homem, que foraõ adjuntos ao proceffar dos autos, André Velho da Fonseca Corregedor do Crime da Corte, Francisco de Almeida Cabral, Valentim da Costa de Lemos, Fernaõ de Mattos Carvalhoza, Marçal Casado Jacome, Duarte Alvares de Abreu, Fernaõ Cabral Chanceller mór, e Joaõ Pinheiro Desembargador do Paço. ElRey querendo que fosse mais justificada acção de tanta importancia mandou passar hum Decreto, em virtude do qual nomeou seis Fidalgos por adjuntos nas sentenças do Marquez de Villa Real, Duque de Caminha, e Conde de Armamar: foraõ estes Pedro de Mendoça Furtado, Fernaõ Telles de Menezes, Dom Pedro de Alcaçova, Dom Miguel de Almeida, Henrique Correa da Silva, e Antonio Telles de Menezes, e porque os tres ultimos se déraõ por suspeitos se elegêraõ em seu lugar Pedro da Cunha, Tristaõ da Cunha, e Pedro da Cunha Veador da Rainha. Juntos todos os Juizes nomeados, depois de muitas horas de dilação, e largas conferencias, sentencáraõ á morte ao Marquez de Villa Real, ao Duque de Caminha, e ao Conde de Armamar. Na tarde do mesmo dia os Desembargadores nomeados, sem mais adjuntos condemnaraõ a degolar a Dom Agostinho Manoel, e a arrastar, e enforçar em forza mais alta do costumado, e esquartejar a Pedro de Baeça, Melchior Correa da Franca, Diogo de Brito Nabo, e Manoel Valente. Christovão Cogominho foy remettido ao Juizo Ecclesiastico por ter Ordens Menores; depois á Mesa da Consciencia; porén havendo-lhe por derogados os privilegios, elle, e Antonio Correa foraõ os ultimos que enforcáraõ defron

te.

te do Limoeiro a nove de Setembro.

Os fundamentos das sentenças do Marquez, e dos mais condemnados, havendo pouca differença de humas a outras, diziaõ: Que se mostrava, que no primeiro de Dezembro de 1640 fora ElRey Dom Joaõ o IV acclamado Rey de Portugal na Cidade de Lisboa, cabeça do Reino, e, passados poucos dias, nas Cidades, Villas, e Lugares de todo elle, por lhe pertencer de justiça a legitima successão desta Coroa; e que aos quinze do proprio mez em acto publico, e theatro levantado, junto das varandas do Paço, fora ElRey jurado dos tres Estados do Reino por Rey, e Senhor natural, para si, e seus Descendentes, fazendo todos a ElRey pleito, e homenagem de fidelidade, e obediencia; no qual acto se achara o Reo, e fizera a mesma promessa, e juramento nas mãos d'ElRey, e que sendo o Reo por origem, nascimento, e habitação natural deste Reino, como tal, Vassallo d'ElRey, esquecido de sua obrigação; e juramento faltára em tudo á lealdade, e fidelidade promettida; por quanto logo depois da acclamação d'ElRey se começára a negociar em Lisboa huma traição, e rebelliaõ contra a Pessoa d'ElRey, e toda a Familia Real, e contra o bem, e conservação de seus Reinos, e Vassallos, concorrendo para este effeito pessoas grandes, e outras de menos qualidade, as quaes determinavaõ romper as guardas Reaes; e fazer outros graves danos nos lugares de mayor importancia, acclamando ElRey de Castella; e outros perversos intentos até a prisão, e morte d'ElRey, intentando que estes Reinos tornassem ao cativeiro de Castella, e a Duqueza de Mantua ao governo na fórma em que estava antes de se acclamar ElRey. Da qual conspiração se provava que o Reo tivera noticia, e fora della parcial com o Arcebispo de Braga cabeça da dita conjuração, e que o Reo o confessava nas perguntas, que lhe foraõ feitas, as quaes depois ratificára em fórma judicial; no que o Reo commettera o atrocissimo crime de lesa Magestade de primeira cabeça, assim por assistir nos actos da conjuração a que o Arcebispo o encaminhava, como em não descobrir logo a ElRey tudo o que della sabia, vendo crescer por

Anno

1641.

Fundamentos  
das sentenças.

Anno  
1641.

instantes a maldade, e o perigo de se conseguir o atroz effeito della, e depois dos termos ordinarios, de que se uza em semelhantes sentenças, condemnavaõ ao Reo a morte natural, e a confiscação de seus bens. Dadas as sentenças na forma referida, foraõ noticiadas aos condemnados na manhã de 27 de Agosto. Chegou a noticia da Duqueza de Caminha o ultimo excessõ da sua desgraça, e deliberando-se a lhe applicar o derradeiro remedio, mandou pedir a ElRey audiencia, permittio-lha, e entendeu-se que com animo de lhe conceder a vida do Duque, porque de outra sorte parecia grande crueldade ouvir os rogos de huma senhora de taõ poucos annos, coberta de luto, e de lagrymas, para lhe naõ differir; porẽm ElRey parece que quiz mostrar, que naõ impedia os meios da justiça, e que fazia da sua parte quanto lhe era possivel por facilitar os caminhos da misericordia. Entendeu-se que a resolução que tivera de perdoar ao Duque fora divertida por alguns Ministros, e que tambem a desviara a Rainha, parecendo-lhe que era necessario este castigo para a firmeza da Coroa, estimulando-a de sorte o perigo da vida d'ElRey, e dos Principes seus filhos, que fallando-lhe o Arcebispo de Lisboa, para que fosse medianeira da vida do Duque, lhe respondeo que o mais que podia fazer por seu respeito, era guardar-lhe segredo daquella proposta. Destas inferencias se originaraõ os discursos referidos, e a conclusaõ foy, que representando a Duqueza a ElRey (acompanhada de sua Mãe a Condeça de Faro) diante da Rainha com lastimosas palavras a calamidade a que a sua desgraça a reduzira, e pedindo-lhe misericordia sahio do Paço com esperanças da vida do Duque, que o seu sangue murchou dentro de breves horas.

*Sevêra resposta da Rainha.*

*Tem a Duqueza de Caminha audiencia.*

Em 28 de Agosto leváraõ o Marquez de Villarreal, o Duque de Caminha, o Conde de Armamar, e o Dom Agostinho Manoel a humas casas do Rocio, para que as suas cabeças fossem satisfacaõ das suas culpas: metterã-os em differentes apozentos, sem que huns tivessem noticia dos outros: passaraõ a noite ajustando fervorosamente as consciencias, e o Marquez com mais soce-